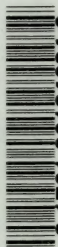


BIBLIOTECA LUSITANA



3 1761 06184684 6

OBRAS
DE
CHRISTOVAM FALCÃO

TROVAS DE CHRISFAL
CARTA, CANTIGAS E ESPARSAS

COM UM ESTUDO
SOBRE SUA VIDA, POESIAS E EPOCA
POR

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

PQ
9231
F24
1915
c.1
ROBARTS

LIVRARIA ACADÊMICA

J. Guedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone, 25988 — PORTO

LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE



1850
of B. & C. & Co.
1711

Direitos reservados

OBRAS DE CHRISTOVAM FALCÃO

BIBLIOTECA LUSITANA

VOLUMES PUBLICADOS:

- Cancioneiro Popular—Antologia precedida dum estudo crítico de Jaime Cortesão.
- Cronica de D. Duarte, de Rui de Pina, com um estudo crítico, notas e glossario por Alfredo Coelho de Magalhães.
- Tristão o Enamorado — Quadros de conjunto do Romanceiro popular — Coordenação e estudo crítico de Teófilo Braga.
- Autos de Gil Vicente e alguns excertos — Coordenação, estudo crítico e notas de Afonso Lopes Vieira.
- Obras de Cristovão Falcão — Trovas de Crisfal — Carta, Cantigas e Esparsas — Com um estudo sobre a Vida, Poesias e Epoca por Teófilo Braga.
- Carta de Guia de Casados, de D. Francisco Manuel de Mello, com um estudo crítico, notas e glossário por Edgar Prestage, (tres gravuras).

A SAIR:

- Anfitrião ou Jupiter e Alcmene — Opera de António José da Silva, com prefácio e notas por Francisco Torrinha.

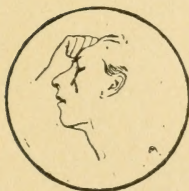
BIBLIOTECA LUSITANA

OBRAS
DE
CHRISTOVAM FALCÃO

TROVAS DE CHRISFAL
CARTA, CANTIGAS E ESPARSAS

COM UM ESTUDO
SOBRE SUA VIDA, POESIAS E EPOCA
POR

THEOPHILO BRAGA



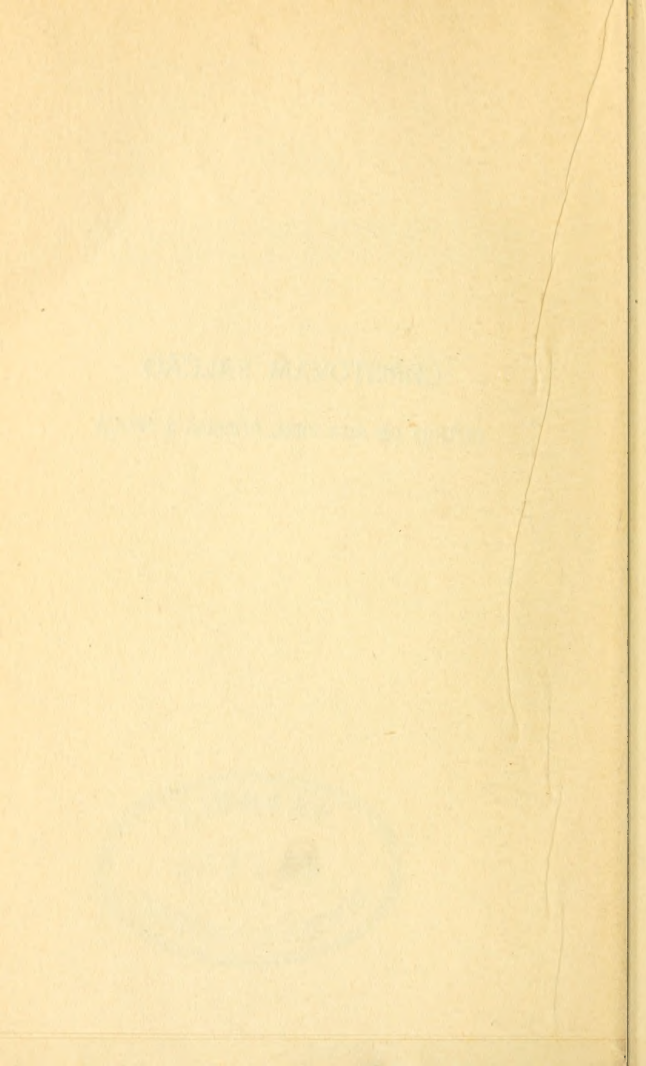
EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

Eduardo Figueiredo



CHRISTOVAM FALCÃO

ESTUDO DE SUA VIDA, POESIAS E EPOCA



O NOME d'este poeta anda ligado a uma comovente lenda de amores, como a de Macias el Enamorado, de Juan Rodriguez del Padron, de Garci Sanchez de Badajoz e Bernardim Ribeiro; inspirou-o uma corrente psychologica de erotismo affectivo, e na mesma realidade da paixão imita a fórma poetica luso-galeziana que sobresahia na tradição das côrtes castelhanas de D. Juan II, de Enrique IV e de Fernando e Isabel, mantida por Santillana e os dois Manriques. Pelas suas Cantigas, Voltas e Esparsas parece-nos um poeta palaciano, que não entrara no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende; mas, quando foi impressa esta compilação em 1516, contava apenas um anno de idade Christovam Falcão, nascido em 1515. Quando resplandeceu o seu talento poetico (1545-1554) já se impunha o novo gosto do lyrismo italiano, o *dolce stil nuovo* animado

pelo espirito do platonismo dominante na Renascença. Entre estas duas correntes litterarias, Christovam Falcão preferiu a tradicional, a da *Medida velha*, sob a impressão primeira dos versos de Bernardim Ribeiro, que elle transcrevia nos seus cadernos de mão e imitava no unisono das emoções amorosas. Dá-se o facto de se encontrarem duas Canções de Bernardim Ribeiro, impressas no *Cancioneiro geral*: «Antre tamanhas mudanças (Fl. 211 e col 4) e Antre mim mesmo e mim (Fl. 211, col. 5)» reproduzidas anonymas no grupo das Cançonetas que se seguem á Egloga *Chrisfal*, na edição de Ferrara de 1554, a qual é tambem manifestamente imitada da Egloga III de Bernardim Ribeiro, na sua primeira redacção de 1536, que appareceu avulsa sob o titulo de *Dialogo de dois Pastores*. Tudo estabelece a prioridade de Bernardim Ribeiro e o seu directo influxo em Christovam Falcão; quando se considerar estas similidades flagrantes e as tonalidades das suas vibrações psychicas, facil é cahir na illusão de pretender identificar em um mesmo poeta o apaixonado de *Aonia* e o de *Maria*. Mas, além da separação chronologica, individuali-

sa-os o drama amoroso de cada um definindo por factos historicos as suas biographias. Quando em 1516, na sua poesia *Memento* lamentava Bernardim Ribeiro vêr *Aonia* consorciar-se com outro, ainda *Maria*, a das doces lagrimas, não tinha nascido. Os dois poetas ligaram tanto todas as emoções soffridas ás obras que idealisaram, que pela exegese d'ellas se reconstituem as suas ignoradas biographias pelo criterio philologico da historia litteraria.

Appliquemos esse processo ao Poeta do *Chrisfal*. Apareceu esta encantadora Egloga anonyma, sem data e localidade, no meado do seculo XVI; cita Camões versos d'ella, como aphorismos na sua Carta escripta de Africa. Na edição de Ferrara de 1554, reproduzida na de Colonia de 1559, é que apparece referido o nome de Christovam Falcão: «*Hua mui nomeada e agradavel Egloga chamada Chrisfal*, que diz: Entre Sintra a mui presada, *que dizem ser de Christovam Falcão ho que parece alludir o nome da mesma Egloga e hua Carta do dito*

Os prezos contam os dias
Mil annos por cada dia . . .

O Dr. Gaspar Fructuoso, nas *Saudades da Terra*, ao tratar das geneologias dos Falcões na ilha de Santa Maria, descendentes de D. Branca de Sousa, tia de Christovam Falcão, dá-o como auctor da Egloga *Chrisfal*, titulo formado das duas syllabas do seu nome e cognome.

E o chronista Diogo do Couto, na *Decada VIII*, narrando uma invasão, escreve: «A primeira cousa que fizeram foi queimar as nossas cruzes, que estavam pelos caminhos em cima de montes e profanarem os templos divinos, que não foi possivel defenderem-se, e as gentes d'aquellas aldeas se recolheram a Salsete, onde estava por Capitão Damião de Sousa Falcão, irmão de *Christovam Falcão*, *aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas Trovas de Chrisfal*, e parte se recolheram a Gôa.» (Cap. 34, Ed. 1673.) Diogo do Couto referia-se á edição anonyma, a mais antiga, que tem esse titulo. Faria e Sousa, no *Commentario ás Rimas de Camões* (t. IV, p. 266, vol. II) explanando o cryptonymo, tambem explica o titulo da Egloga: «assi como Christoval Falcão, fabricó este nambre de su nombre é apellido tomando d'este el

Fal e de aquel el *Chris.*» O erudito D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia geneologica da Casa Real*, (t. III, p. 454) ao apontar o nome de Christovam Falcão, acrescenta: «era fidalgo ornado de boas partes, cortezão e entendido, *singular poeta d'aquelle tempo*, como se vê de algumas obras suas debaixo do nome de *Chrisfal.*» Contemporaneo do linhagista insigne, tambem observou Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, (t. II, p. 65) acerca de Christovam Falcão: «Para não ser conhecido, o auctor d'esta obra occultou o seu nome com o de *Crisfal*, primeira syllaba do seu nome e apellido...»

Por estas indicações, continuadas no seculo XIX por José Agostinho de Macedo, pode-se com segurança coordenar a biographia de Christovam Falcão pelas genealogias manuscriptas corrigidas pelos documentos officiaes, tornando-se facil com intelligencia chegar a conclusões seguras. D'essas genealogias tirou Barbosa os primeiros traços biographicos: fôram seus paes João Vaz de Almada Falcão, Capitão da Mina, e Dona Brites Pereira; foi o primogenito, e um seu filho natural Christovam Falcão de Sousa

(que alguns linhagistas confundiram com o poeta) casou com sua prima D. Maria de Castro, filha de Damião de Sousa Falcão; herdeiros de seu tio Bernabé de Sousa Falcão; e pela intervenção do poeta a favor do filho de sua irmã D. Braçaida contra o padrasto Heitor de Figueiredo, fica perfeitamente conhecida a sua família.

Por estes dados se esclarecem os documentos officiaes, separando o poeta dos seus homonymos. João Vaz de Almada Falcão era um homem mui austero e de proverbial honradez, e um linhagista escreve d'elle: «foi capitão da Mina e por bem servir não trouxe dinheiro, e por isso viveu e morreu pobre.» D. Francisco Manuel de Mello, na *Visita das Fontes*, (p. 256 dos *Apologos Dialogaes*) traz esta anedota, que é o caso de João Vaz: «D. João o Segundo, mandando ao Governo da Mina a certo fidalgo pobre, lhe disse: —Mando-vos governar a terra do oiro; recomendo-vos que não volteis de lá san-deu.» Esta circumstancia da pobreza do Capitão da Mina, influiu na sorte de *Crisfal*, que, como refere a Egloga, não era —*dos bens do mundo abastado*, e sof-

frendo longos annos a dura auctoridade paterna.

Pode-se com segurança fixar o anno de 1515, como do nascimento de Christovam Falcão. Como filho de fidalgo tinha direito a ser inscripto aos *doze annos môço fidalgo*, sendo por isso assentado na Moradia da Casa real, recebendo por procuração de seu pae o primeiro quartel em Lisboa em 30 de Janeiro de 1527. Por esta data se chega á determinação do tempo em que começaram os seus precoces amores com uma criança gentil de estirpe hespanhola, D. Maria Brandão Sanches, que na exaltação da adolescencia fizeram entre si o casamento a furto, segundo o costume corrente no seculo XVI. Para que esse casamento fôsse valido, segundo as *Constituições do Arcebispado de Lisboa*, canonicamente se exigia que o joven tivesse quatorze annos e a menina doze, a perfeita sexualidade.

*Sendo de pouca idade,
Não se vêr tanto sentiam,
Que o dia que se não viam,
Se via na saudade
O que ambos se queriam.*

E com quanto *era Maria*
Pequena, tinha cuidado
De guardar melhor que o gado
O que lhe *Crisfal* dizia;
Mas enfim, foi mal guardado.

Quando a familia de *Maria* soube d'essa travessura, convenceu-a de que o joven Falcão, filho do soberbo Capitão da Mina, fazia caça á sua riqueza, como filha unica. Quando ella disse ao *Crisfal*, que não era valido o casamento por não ter a edade requerida, o apaixonado môço lembra-lhe a sua propria:

Quando vos dei a vontade,
Inda vós éreis menina
E eu de pouca edade . . .

Mas que fôsse assi e mais,
Que remedio vos dão,
Com quem conselho tomaes
A grande obrigação
Em que a Deus me estaes.

Com os *quatorze annos*, em 1529, elle julgava-se adstricto ao seu enlace, como ella tinha igual obrigação grande por achar-se então com os *doze annos* da Constituição archiepiscopal; tinha por tanto *Maria* nascido em 1517. Tudo isto se confirma e fundamenta

com documentos da Feitoria de Flandres, referentes ao pae de *Maria*.

Barbosa Machado, levado pelas noticias genealogicas confusas, aponta o nome de *D. Maria Brandão*, como a pastora do *Chrisfal*; embora compile dados syncreticos dos homonymos de Christovam Falcão e das familias dos Brandões, induziu a critica a estabelecer a definitiva veracidade. Foi laboriosa essa differenciação; abandonada a filiação, dada por Alão de Moraes, dos Brandões de Coimbra, (*Pedatura lusitano*, t. I, p. 90) outros linhagistas, como Diogo Gomes de Figueiredo, e os tres codices da Bibliotheca da Ajuda, apontam *D. Maria Brandão*, ou *Brandôa*, com o epitheto de *a do Chrisfal*, sendo filha unica de João Brandão Sanches, que foi Feitor de Flandres. No Nobiliario de Manso de Lima, *Familias de Portugal* (Letra B, fl. 63) e no de Rangel de Macedo (B, fl. 345) é seguida esta filiação, authenticada pelos Documentos da Feitoria de Flandres publicados no *Archivo historico* (vol. VII). Alguns factos e datas da vida de João Brandão Sanches levam-nos ao conhecimento preciso da situação da namorada de *Chrisfal*. Filho segundo de

João Sanches, de nobreza castelhana, e de Isabel Brandão, este João Brandão Sanches começou a servir o rei D. Manuel como agente financeiro em Flandres em 1509 (cartas de 8 de Agosto, 9 e 10 de Novembro) servindo até 1513, em que por carta de 21 de Outubro se lhe ordena a entrega da Feitoria a Salvador Nunes. Feita a entrega, pelo auto datado de 12 de Janeiro de 1514, regressou João Brandão Sanches a Portugal, depois de quite em 27 de agosto d'este anno. Permaneceu dois annos em Lisboa, onde esteve como Vereador, sendo nomeado Comendador de San João de Cabanas, da Ordem de Christo, em 1516.

Depois d'esta mercê, casou com Guiomar de Refoios, filha de Pantaleão Dias de Landim e de Maria de Refoyos. Nasceu d'este enlace uma menina, *Maria*, a das doces lagrimas, a Brandôa, *a do Chrisfal*, em 1517. Tomou parte na cerimonia da quebra dos escudos pela morte do rei Dom Manuel, voltando segunda vez para Flandres, começando a servir na Feitoria portugueza em 1 de Dezembro de 1520. Convinha-lhe occupar aquella rendosa commissão, e por carta de 23 de Feve-

reio de 1522, de Carlos V a seu cunhado D. João III, conseguiu ser conservado como Feitor. Não voltou mais a Portugal, porque faleceu no fim de agosto de 1526, como se deduz pela carta de quitação passada a seus herdeiros, a mulher e a filha, a 5 de Novembro d'esse anno.

Apurados estes factos, contava a gentilissima Maria Brandão nove annos de idade, quando ficou orfã de pae. Criada como filha unica e com a ternura da viuvez materna, a sua fibra castelhana atávica acordou-lhe o temperamento; as duas familias do Capitão da Mina e de Pantaleão Dias, como alemtejanas aproximaram-se, conviveram, e as duas crianças brincaram descuidadas, simulando e imitando o que viam. Eram então frequentes os casos de *casamentos a furto*, como o de D. Guiomar Coutinho e o Marquez de Torres Novas; talvez o espirito de imitação determinaria essa união sympathica, que enflorecia como um primeiro amor, em 1530, quando *Maria* attingiu os *doze annos* da idade canonica. Aonde se se passava esta aventura, que tomava o aspecto da pastoral de *Daphnie e Chloé*, da epoca alexandrina? Dil-o o poeta, quando veiu a

narrar os soffrimentos do seu amor em uma Egloga incomparavel:

Antre Sintra a mui presada
E Serra de Ribatejo,
Que Arrábida é chamada,
Perto d'onde o rio Tejo
Se mete n'agua salgada,
Houve um pastor e pastora,
Que com tanto amor se amaram,
Como males lhe causáram
D'este bem, que nunca fôra,
Pois foi o que não cuidaram.

Aqui se define o logar da acção idyllica. Mais tarde o poeta Dr. Antonio Ferreira, ao celebrar os seus amores com D. Maria Pimentel, localisa-os por esse tópicó:

Tejo, triumphador do claro Oriente,
.....
E antes que ao mar pagues seu tributo
Á dextra mão da tua praia, um monte
Com graciosa soberba se alevanta,
Ali fiquei ao meu amor sujeito.
Ali as tuas aguas parte.....

(*Poemas Lusitanos*, P. 1. Son. 43.)

Tambem Bernardes, ao fallar de uns amores refalsados, accentua na Carta XIV:

Em fim, té chegar lá onde o Tejo
Em aguas de Neptuno se mistura,
Nem descansara o pé nem o desejo.

Ha quem infira que a estrophe do *Chrisfal* se refere a Oeiras, por documentos judiciaes; é uma allumiada planura para correrem crianças á solta. *Maria* não pôde por muito tempo conservar o seu segredo intimo, a sua loucura de amor:

Que depois de *assi viver*
N'esta vida e n'este amor,
Depois de alcançado ter
Maior bem para mór dor,
Emfim, *se houve de saber*
Por Joana, outra pastora
Que a Chrisfal queria bem;
Mas o bem, que a tal vem,
Não ser bem maior bem fôra,
Por não ser mal a ninguem.

A qual logo aquelle dia
Que soube de seus amores,
Aos parentes de Maria
Fez certos e sabedores
De tudo quanto sabia.

Quem era esta *Joana*, tambem criança, que denunciára o casamento a furto de *Maria*, por impulso de tacita rivalidade? Julgámos poder identifical-a com Joana Brandão casada com João Patalim, ao que se oppõe a distancia de idade e de prima remota; nos Brandões de Coimbra, apparece-nos uma *Joana*

de Souto Mayor, com quem *casou por amores* João Brandão, filho de Fernão Brandão, e neto do *Secretario do Cardeal Infante*.

Em 1531, desvendado o segredo do casamento das duas creanças, a familia de *Maria* tratou de apartal-a para longe, para casa dos parentes de Elvas; mas a sorte de Christovam Falcão tornou-se cruenta, porque o severo Capitão da Mina prendeu o filho no Castello de San Jorge, como se descobriu por uma carta de Francisco Botelho a D. João III, fallando do filho de João Vaz de Almada Falcão. Agora vêmos o valor da rubrica que foi posta á Carta em redondilhas emparelhadas, que precedeu a composição do *Crisfal*: «*Carta, estando prezo, que mandou a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outro, sobre que fez (segundo parece) a passada Egloga* ¹.»

João Vaz de Almada Falcão exerceu sobre o filho o patrio poder segundo o direito romano *vitae et necis*; prendeu o enamorado

¹ Epiphanio Dias e Delfim Guimarães supprimiram esta rubrica, nas edições que fizeram!

filho no Castello, em carcere duro. Escreveu Christovam Falcão em fôrma de Carta, em sua angustiada solidão :

Os prezos contam os dias
Mil annos por cada dia;
Mas os meus, sem alegria,
Como os passarei eu,
Verdadeiro amor meu.

.....
Mal, cuja dor se não crê,
De prizão e de ausencia,
Pois, sem peccar, penitencia
Faço de traz de uma grade

.....
Bem se enxerga de meus damnos,
Que *estou prezo ha cinco annos,*
Afóra os que heide estar...

Christovam Falcão conhecia, que mais do que as penas o separavam de Maria Brandão as intrigas da familia d'ella:

Pois que vos escrito tenho
Por que não vejo resposta?
Quem vos pôs no que estaes posta,
Que palavras vos disseram
Que mais que a razão poderam,
Que já entre nós puzemos?
Cuidae quanto nos quizemos,
E não vos possa mudar
Dizer que vos podem dar
Outrem, que tenha mais que eu.

Era justamente este argumento da pobreza do Capitão da Mina, que a família de *Maria* empregava, e o que mais encarniçava a soberba nobiliarchica de João Vaz de Almada, desagravando-se sobre o filho. Cinco annos se tinham passado desde a denuncia de *Joanna*, estava-se no anno de 1536, em que o genio poetico de Christovam Falcão se revelava em pequenas Esparsas e Cançonetas. O desastre da vida de Bernardim Ribeiro, ferido de mal de amores, que *não tem cura*, como diz o povo, provocava um sympathico interesse; e na sua segunda ausencia da côrte, imprimiram-lhe em folheto avulso a assombrosa Egloga intitulada *Trovas de Dois Pastores*, Silvestre e Amador. Não é possível achar linguagem mais vehemente e sentida para exprimir a tempestade moral da um espirito que vae afundar-se na loucura. Christovam Falcão, na pujança dos seus vinte e um annos leu esse folheto de Bernardim Ribeiro, que mão extranha publicou em uma fôrma desengraçada, Bateu em cheio esse fóco de luz na alma de Christovam Falcão, e deu largas ás suas emoções escrevendo as *Trovas do Pastor Chrisfal*, em que se reflecte o fulgor

do original. Pelo thema d'essa Egloga deprehende-se que ella fôra escripta estando já o poeta solto da prizão do Castello. Por certo a intervenção carinhosa de D. João III domou a ferrenha auctoridade de João Vaz de Almada; porque pela carta de Francisco Botelho, alludindo a Christovam Falcão, diz—*o que ahi esteve prezo no Castello*; e a missão em que o rei o mandou a Roma foi um mero pretexto para o libertar da crueza do pae e afastal-o de Lisboa para evitar aggravos. Entre 1536 e 1541, em que Christovam Falcão partiu com a missão secreta para Roma, é que fôram escriptas as *Trovas do Pastor Crisfal*; n'esse texto vem a decima, supprimida depois, em que fallava dos projectos de casamento de *Maria*, por os dois pretendentes

. . . . já mostrar que temiam
que o sabor de teus beijos
na minha boca achariam.

Solto da prizão pelo rei, que tanto presava os poetas, Christovam Falcão foi relegado pela dureza do pae para Portalegre, aonde tinha a sua parentella; foi um confôrto para o poeta, quando soube estar Maria Brandão em

Elvas. Facil se lhe tornou o fallar-lhe, e sabendo-o a familia Brandão, tratou de enclausural-a no Mosteiro cisterciense de Lorvão. Em uma estrophe do *Chrisfal*, diz *Maria*:

Quando contigo fallei
Aquella ultima vez,
O choro que então chorei,
Que o teu chorar me fez,
Nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira,
Mas comêço da paixão,
Passando-me eu então
Para o Casal da Figueira
Do Val de Pantaleão.

.....
Por ti eu vim desterrada
A estas extranhas terras
De donde eu fui criada,
E por ti antre estas serras
Em vida sam sepultada,
Onde a se me perderem
A frol dos annos se vão;
Ora julga se é rasão
Das minhas lagrimas serem
Menos d'aquellas que são.

O poeta aponta em uma estancia do *Chrisfal* o mosteiro em que foi recolhida Maria Brandão:

Indo não com menor dor,
Em que já com mais socego,
Os ventos me fôram pôr

Depois de passar Mondego
Sobre as serras de *Lor*.
Vão alli grandes montanhas
De alguns valles abertas,
Todas de souts cubertas,
Aos naturaes estranhas,
Mas á saudade certas.

Tiveram os parentes de *Maria* de sequestrar-a á sua paixão, como o dissera Barbosa Machado, « recolhida no Convento Cisterciense de Lorvão »:

Entam descontentes d'isto
Levaram-na a longes terras,
Esconderam-na entre umas serras
Onde o sol não era visto . . .

Chorando a lembrança d'ella,
Virada foi minha face
Para onde o gado pasce,
Da grande Serra da Estrella,
Da qual o Zézere nasce.

O mosteiro de Lorvão, onde *Maria* tinha varias primas dos Brandões Sanches e dos de Coimbra, era occupado por perto de trezentas freiras, noviças e recoletas, de costumes de tanta desenvoltura, que D. João III se viu forçado a representar ao papa, pedindo a sua reforma. N'esse meio, facil foi persuadir *Maria*

a acceitar um casamento de conveniencia, para assim se vêr d'alli fóra. Christovam Falcão, sob a dependencia da pezada auctoridade paterna, não podia ir a Lorrvão; representou essa visita em um *Sonho*, que é o centro da acção do *Chrisfal*:

Muito a vi eu demudada,
Mas comtudo conheci
Ser a minha desejada,
A quem assim vindo vi
A vista no chão pregada.
Com o seu cantar pensoso,
E passadas esquecidas,
Ao tom d'ellas medidas
Vestida a vi de arenoso,
As mãos nas mangas metidas.
Uma coifa não lavrada,
Antes sem nenhum lavôr ...

O colloquio amoroso entre os dois namorados, pela eloquencia do coração a mais fecunda e verdadeira, é inegualavel; *Maria* expõe-lhe os motivos porque a familia a enclausurara:

Que me dam certa certeza
Porque fazem conhecer-me,
(O que eu hei per gram crueza)
O amor que mostras ter-me
Ser só por minha riqueza.

A este golpe, que tão intimamente o fêre, com um accento dorido dá-lhe a resposta que a imaginação não podia descobrir ante a imponente realidade :

*Quando vos dei a vontade,
Inda vós ereis menina
E eu de pouca idade . . .
Muito vos quiz bem, primeiro
Que de riquezas soubesse . . .*

E além d'esta malsinação para a dissuadirem d'esse amor, tambem lhe diziam que não eram validas as promessas do casamento a furto, por não ter os *doze annos* completos, podendo portanto arrepender-se :

*Isto e mais se me diz,
Crê que te fallo verdade ;
Que não tinha liberdade
Para fazer o que fiz
Sendo de pouca idade.*

Sentindo-se oppresso por este desmoro-namento de todas as suas esperanças, o poeta afoga-se nas lagrimas silenciosas; *Maria* abraça-o para alental-o :

E dizendo:— Oh mesquinha,
Como pude ser tão crúa? —
Bem abraçado me tinha,

A minha bocca na sua,
E a sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas
Que com a bocca gostei ;
Mas com quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas doces achei.

Aqui o poder da palavra excede a magia da musica e da pintura ; é a divina Poesia. O amor é como a criança, quanto mais o ameigam mais dorido se mostra. *Chrisfal* debulhava-se em lagrimas n'este extasis fugitivo:

Então ella mui chorosa
De tam choroso me vêr,
Já para me soccorrer.
Com uma voz piedosa
Começou assi a dizer:
— Amor da minha vontade.
Ora não mais, *Chrisfal* manso!
Bem sei tua lealdade.
Ai, que grande descanço
É fallar com a verdade.

A Egloga de *Chrisfal*, empolgante pela sua belleza poetica, reservadamente conhecida por copias manuscriptas, provocava tambem interesse pelas allusões a successos contemporaneos da vida palaciana, escandalos como o do casamento clandestino de D. Guio-

mar Coutinho com o Marquez de Torres Novas, ou o de D. João Lobo, filho do Barão de Alvito, com D. Juliana, filha do Marquez de Villa Real. O local em que se passaram os amores de *Chrisfal*—entre Cintra a mui presada e a serra de Ribatejo, que Arrábida é chamada—é esse o sitio para onde o Marquez de Torres Novas havia sido desterrado da côrte depois da queixa do velho Conde de Marialva. Faria e Sousa, commentando o verso de Camões:—Sobre os montes da *Arrábida* viçosa—escreve: «Casi que esto solo puede ser prueba, de que sin duda el Du que es quien aqui habla con D. Guiomar, por ser cierto, que estos montes llamados Sierra de la Arrábida, estan eminentes a la villa de Setubal y a la de Azeitán, donde el Duque hace su principal habitacion; y a esta vivienda sin duda se iria, quando por el pleito con D. Guiomar contra el Infante (D. Fernando) lo desterrarán de la côrte.» (*Comm. ás Rimas*, p. 336.) Era n'este sitio que o Marquez tinha as suas principaes herdades. No *Chrisfal* vem a referencia a este clamoroso pleito em que o Marquez foi condemnado nos tribunaes canonicos e civis por declarar o seu

casamento clandestino com D. Guiomar Coutinho, promettida ao infante D. Fernando, irmão de Dom João III.

Em um valle descontente
Estar *Natonio* vi,
D'estes assás diferente,
Que casi não no conheci
Sendo bem meu conhecente.
Chorando lagrimas mil,
Estava comsigo só
De modo de pastoril, ¹
De dó bem para haver dó,
Tinto o habito vil.

¹ Faria e Souza encontrou em um ms. da Egloga VI de Camões, umas coplas do Marquez de Torres Novas, que correspondem *ao modo pastoril*:

Alma mia, no te veo
Ni me ves a mi, ni digo;
Allá estoy siempre contigo,
Que no consiente el deseo
Estar yo sin ti conmigo.

No puedo contigo hallarme,
Porque me hallo sin ti;
En ti me voy a buscarme,
Mas por de ti no mudarme,
No me busques más a mi.

Porque despues que el deseo
Me llevó de mi contigo,
A ti sola sin mi sigo;
Que pues contigo me veo,
No quiero verme conmigo.

Quizera-o eu consolar,
Mas em cujo poder ia,
Nam me deu a mais logar,
Que ouvir-lhe que dizia :
— *Oh, Guiomar! Guiomar!*
Em ti puz minha esperança,
Emquanto ella se encobre;
Agora em dor se descobre,
Perigos, desconfiança
Fizeram do rico pobre.

Christovam Falcão achava-se em situação analoga, para na sua desventura lembrar-se d'aquelle amigo:

Deus lhe dê contentamento,
Pois que nos fez a ventura
Companheiros na tristura,
• E que seu e meu tormento
Cada vez têm menos cura.

Christovam Falcão accentua mais a realidade do quadro :

Já serranas ao abrigo
Se hiam, prados deixando;
As mais d'ellas suspirando;
Uma dizia: *Ay, Rodrigo!*
Outra dizia: *Ay, Fernando!*

Fernando é o Infante, que o rei D. Manoel determinou casar com a filha do Conde de Marialva, para assim apanhar-lhe a riqueza.

Parece que alguma cantiga popular alludiu a este facto; pelo que diz Simão Machado:

Como me cantaes por li,
Namorado andais, Fernando.

(Comedias port., fl. 32.)

Uma satira anonyma do seculo XVI acusa o rei D. Manoel por ter joeirado o thezouro do grão *Marialva*. Não é de admirar que a parte emocionante do casamento de D. Guiomar Coutinho entrasse na corrente da tradição popular; em um romance oral da ilha da Madeira, descreve-se o exilio do namorado D. Henrique d'Alencastro:

N'este cerrado arvoredado,
 N'este bravio montado,
 Aqui vivo como bicho,
 Entre rochas enterrado.
 Vae-se o dia, vem a noite,
 Nada p'ra mim é mudado,
 De minhas penas sustento
 O triste de mim coitado.

 D'Alencastro,
 Dos Duques d'esta linhagem
 Sou o unico herdeiro . . .
 Um Conde novo na côrte,
 O meu amor invejava;

El rei com minhas heranças
Dona Guiomar também dava.

.
—Ai, Dona Guiomar de Castro,
Quem cuidara, quem diria,
Que tu me fôras traidora
Quando as juras te ouvia!

Palavras não eram ditas,
Dona Guiomar que apparecia.

«Jurei ser tua mulher,
D'outro não, nunca seria
Que me custasse a vida,
Minhas juras cumpriria.
A ti tudo te roubaram,
Tudo por ti deixaria . . .
Dona Guiomar, aqui estou,
Para tua companhia . . .

(*Rom. do Archipelago da Madeira*, p. 230.)

Effectivamente, pouco tempo depois de casada D. Guiomar Coutinho com o Infante D. Fernando, ambos pereciam mysteriosamente. Na sua Egloga *Andrès* figurou Sá de Miranda este caso, que chegou a penetrar na corrente da poesia popular.

Ay, Rodrigo! alludirá ao Barão de Alvito, D. Rodrigo Lobo, cujo filho casara clandestinamente com D. Juliana, filha do Marquez de Villa Real, dando o escandalo de «sendo

menor, ter entrado em casa d'ella de noite em Santarem, escalando e forçando uma janella para tirar certas peças de vestuario.» (*Collec. Pombalina*, n.º 147.)

Outro escandalo amoroso da côrte se deu com o velho Duque D. Jorge de Lencastre, com D. Maria Manoel, dama de rainha, de dezeseis annos, que elle pretendia desposar.

O magoado *Chrisfal*, ouvindo uma pastôra cantando, alludir á sua *Maria*, escutou:

— Troquei amor per riqueza
Porque m'o trocar fizeram . . .
Meu esposo aborreço,
Quando me á lembrança vem
Do primeiro querer bem . . .

Reconheceu-a, na *Elena* (D. Maria Manoel):

E entam que era *Elena*,
Minha amiga, conheci,
Esta Dama e pastora,
Certo que melhor lhe ia,
Quando a cantar ouvia,
Dando fé, que *em sua cama*
O velho não dormiria.

É uma evidente e directa allusão aos amores do velho Duque D. Jorge, bastardo

de D. João II, caso que provocou riso na corte e a cantiga, vulgarizada no século XVI, do *Velho malo em minha cama*. Quando Camões escreveu a comedia de *El-Rei Seleuco*, também alludiu a um escandalo amoroso, fazendo referencia á cantiga:

Ouviste vós cantar já
Velho malo em minha cama?

A cantiga foi adaptada ao caso, de uma forma antiga ainda empregada por Gil Vicente:

Bien quiere el viejo,
Ay, madre mia!
Bien quiere el viejo
A la niña.

(Obr., t. I, p. 56.)

No romance popular da ilha da Madeira, que descreve os amores do namorado de D. Guiomar de Castro, vem uma referencia ao velho duque:

Entrementes a meu pae
Que tão leal se mostrava,
Por mexericos de um conde
Logo el-rei o condenava.

Mas quando foi a Justiça,
Que por elle procurava,
Já não achou quem prender.
De morrer elle acabava.

(*Op. cit.*, p. 232.)

O facto de Diogo do Couto caracterisar por *tão nomeadas* as *Trovas de Chrisfal*, é porque além da belleza da vibração amorosa continha os maliciosos e saborosos escandalos da côrte. Faria e Sousa consignou esta tradição litteraria: «Este successo del Duque con D. Guiomar parece fué assunto de los poetas de aquel tiempo. Christovam Falcão, que entonce florescia, entra en su *Chrisfal* d'esta suerte—Entre Cintra a mui presada . . . Houve um pastor e pastora . . .

«En este principio trata de los amores de *Chrisfal* con *Maria*, que le fué usurpada, porque sus parientes la quisieran casar con otro pastor mas rico; y luego adelante introduce otro, llamado *Natonio*, quexandose de *Guiomar*, como consta d'estos trozos . . . » Confirma-o a malevolencia contra Sá de Miranda por causa da sua Egloga *Andrés*, que consideraram como allusiva ao caso de D. Guiomar Coutinho e determinante do seu

ostracismo da côrte. As *Trovas do Pastor Crisfal* appareceram anonymas, por causa dos seus personalismos; e ainda na edição de Ferrara de 1554, e reprodução de Calonia de 1559, «a *muy nomeada* e agradavel Egloga chamada *Crisfal*—que dizem ser de Christovam Falcão, *ho que parece alludir* o nome da mesma Egloga, » traz estas cautellosas reservas não motivadas pela modestia do poeta, mas para resalva das personalidades em que tocava.

Dom João III apreciava a bôa poesia, e teve conhecimento do poeta pelas *nomeadas Trovas*; revela-o a intimidade e confiança para subtrahil-o ao meio certezanescos, enviando-o a Roma para uma missão delicada e de confiança,—o caso do Cardinalato do Bispo de Vizeu D. Miguel da Silva.

É uma nova phase da vida de Christovam Falcão. Em 26 de Dezembro de 1541 partia de Lisboa Diogo de Mesquita com despachos para o embaixador Christovam de Sousa, para obter do papa as dispensas para o Duque de Bragança D. Theodosio casar com sua prima D. Isabel de Alencastre.

Em Dezembro se conhecera em Lisboa a nomeação do Bispo de Vizeu para o Cardi-

nalato, o que produziu em D. João III um grande desespero. Pela carta de Christovam Falcão ao rei sobre o caso do Cardeal, vê-se que partira no fim do anno de 1541; n'este mesmo anno viuviu sua irmã D. Braçada de seu marido Antonio Vaz Mergulhão, natural de Moimenta da Beira, cavalleiro de Avis, que viera residir em Portalegre. Citamos o facto porque Christovam Falcão escreve: «*que eu não era no reino.*» Porque era enviado o poeta a Roma, n'este caso do Cardeal Silva, reservado *in pectore* em 19 de Dezembro de 1539? É essencial expôr rapidamente o encadeamento dos factos.

Dom Miguel da Silva, Bispo de Vizeu e Escrivão da Puridade de D. João III, desde o tempo de D. Manuel, depois da sua estada em Paris assistira em 1510 ao Concilio Geral Lateranense, onde se distinguio contrahindo ahi amizade intima com Alexandre Cardeal Farnesi, que foi eleito Papa com o nome de Paulo III. D'ahi lhe nasceu a incessante aspiração da purpura cardinalicia, n'uma vesania de mais de vinte annos. A pretexto da visita *Ad limina Apostolorum*, saiu abruptamente de Portugal para Roma,

deixando os mais altos cargos de que o investiu D. João III. Pareceu uma fuga. Dom João III empregou todos os meios para que o Papa o não creasse Cardeal antes do Infante D. Henrique, seu irmão; quando D. Miguel da Silva alcançou essa primazia, D. João III só pôde ser domado pela interferencia de Ignacio de Loyola, atenuando a desobediencia do Bispo *sem Viseu* e a offensa ao monarcha. Paulo III ia nomear o Cardeal Silva seu Nuncio *á latere* junto de Carlos V; Dom João III tratou de impedir essa nomeação junto de seu cunhado. Era embaixador de Carlos V em Roma o Marquez de Aguilar, primo-coirmão de João Vaz de Almada, e foi em casa do embaixador que se hospedou Christovam Falcão, como se vê pela carta de Francisco Botelho, remetendo uma carta do Marquez de Aguilar ao pae do poeta, para lhe ser entregue por mão de D. João III. O effeito foi immediato; Carlos V não recebeu o Cardeal Silva e o Papa Paulo III teve de substituil-o por outro Legado que não tivesse offendido o rei de Portugal¹. Foi

¹ D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Litteratos portuguezes na Italia*, p. 98.

Christovam esse *gentilhomem* enviado pelo rei sobre o caso do bispo, das memorias avulsas.

Em 10 de Março de 1542, escrevia Christovam Falcão a D. João III, *julgando acertar nisso a vontade real*; ahi lhe dava conta como entrara *em casa do Marquez de Aguilar*, embaixador de Carlos V, *como em casa de meu primo segundo co-irmão*, onde sirvo V. A. n'aquellas cousas que servir posso ...»

Como identificar este Christovam Falcão com o poeta do *Chrisfal*? Ahi temos a carta de Francisco Botelho de 26 de Dezembro de 1542, remettendo a D. João III uma carta do Marquez de Aguilar sobre João Vaz de Almada, «*que traz em sua casa um filho, que lá esteve prezo no Castello*, e trata-o como parente ...» (*Corpo Dipl.*, t. V, p. 171.)

É a prova historica da rubrica da *Carta*, que acompanha o *Chrisfal*, na edição de 1554, impiamente supprimida no intuito de converterem Christovam Falcão em um mytho. Por estas relações com o Marquez de Aguilar se infere a via como a *Menina e Moça* appareceu manuscripta em Hespanha, e com ella se imprimiram o *Chrisfal* com o pequeno Cancioneiro que o completa.

Em carta de 1 de Outubro de 1542, dirigida por Christovam Falcão a D. João III, falla-lhe da questão do Bispo *sem Viseu*, e como se achava em casa do Marquez de Agui-lar; e que tendo de ir a Perusa a chamado do Papa, passou pela cidade de Assis onde está o corpo de San Francisco, e também explica as causas da pirataria dos Turcos. Vivía então em Roma, em casa do Cardeal Silva um Antonio Ribeiro, que julgamos ser o auctor da *Bucolica*, em *dez Eglogas*, publicada em 1586, segundo Barbosa; fundamo-nos n'esse meio de cultura humanista, em que D. Miguel da Silva era o completo luminar. Por este mesmo tempo encontrava-se também em Roma D. Manuel de Portugal, que em 1542 voltara para a côrte de Lisbôa. No anno de 1543, recebia o embaixador Dr. Balthazar de Faria, carta de D. João III, sendo datada de 31 de Agosto, para tratar da reforma do Mosteiro de Lorvão, de cento e sessenta mulheres, freiras, noviças e conversas, que viviam em habitual desenvoltura. Christovam Falcão previu que Maria Brandão tinha de sahir d'aquelle coio devasso, pelo que se trataria de realisar o seu casamento. Seria a carta do Marquez de Agui-

lar para ser entregue por mão de D. João III, ao pae do poeta para consentir na sua demora em Roma?

No seu regresso a Portugal ao sahir de Roma, cumpria vêr Veneza, e em 1543 ahi se encontrava o celebre judeu portuguez Diogo Pires (Jacob Flavio), *Pyrrus Lusitanus*, auctor de livros de poesia amorosa latina, tendo por muitos annos vivido em Ferrara, onde se imprimiam então livros portuguezes nos prelos judaicos. Este facto mostra-nos quem em 1554 poderia em Ferrara interessar-se pelas composições da *Menina e Moça*, e *Eglogas* do Bernardim Ribeiro, e publicando no mesmo volume uma edição retocada das *Trovas do Chrisfal*, em que primeiro se desvendou o anonymo auctor *que dizem ser* Christovam Falcão, e o titulo de Egloga em vez de ser *Trovas*, denunciando o espirito classico de um cultor de poesia amorosa latina.

Pelo anno de 1544 Christovam Falcão já estava em Lisboa dando conta da sua missão diplomatica; e Maria Brandão deixava o Mosteiro de Lorvão pelos prodrômos da reformação. Viram-se os dois namorados? Em uma cançoneta dá-o a entender:

Vi o cabo no comêço,
Vejo o comêço no cabo . . .

Nas Cantigas e Esparsas que seguem ao *Chrisfal* ha situações que revelam ter-se re-accendido a paixão de *Maria*. Na segunda parte do *Sonho de Chrisfal*, esclarece-se a situação:

Levantou-me a confiança
Maria, de me querer,
Renovou-me este prazer,
Mas foi prazer de esperança,
E esperança de mulher.

Porque crendo alcançaria
Com ella um fim descansado,
Enfim, deixou-me frustrado;
Julga tu que fim teria
Quem se viu tão enganado.
Trocou-me o bem que esperava
Em cruel eucerramento;
Meteu-se em certo convento
E a mim que ao vento gritava,
Deixou-me gritar ao vento.

E depois que me chegou
A perder vida e sentido,
Escolheu outro marido,
Que n'ella o premio gosou
De meu amor merecido.

O seu amor afogado logo á nascença, e agora quando tudo o dava por findo outra vez

se renovava para maior desillusão, e um *cruel encerramento*. A presença de Christovam Falcão na cõrte tornava-se embaçosa para a conclusão do casamento de *Maria*; convinha afastar o poeta temporariamente da cõrte. D. João III, por carta de 21 de Março de 1545, despachou-o por trez annos para a Capitania da Fortaleza de Arguim. A sua partida e esses trez annos de isolamento dão-nos o sentido e o sentimento das composições lyricas que se seguem ao *Chrisfal*. N'esta ausencia é que mão atilada e inconfidente imprimiu sem data e anonymas as *Trovas do Pastor Chrisfal*; porque na Carta que de Africa escreveu Camões em 1547, intercala com intenção na sua prosa muitos versos tomados com sentido aphoristico do *Chrisfal*, podendo destacar-se versos das estrophes 10, 12, 43 e 85, o que bem nos revela quanto Camões admirava essa maravilha de arte, que ao fluir da prosa lhe occorriam os versos d'ella. Acabados os trez annos da Capitania de Arguim, Christovam Falcão regressou a Lisboa em 1548. Em 10 de Outubro de 1548 morre sua irmã D. Bracaida de Sousa, cujo segundo marido Heitor de Figueiredo alcaide-mór de Borba apodera-

se dos bens do seu enteado; Christovam Falcão pugna a favor do sobrinho em carta de 11 de Novembro de 1548, dirigida a D. João III: “ fez meu pai, antes que partisse, petição a El-Rei, para lhe ser entregue seu neto e tirar do poder do padrasto. „

É também por este anno de 1548 que se deve collocar o casamento de D. Maria Brândão com Luiz da Silva de Menezes, capitão de Tanger, da qual houve dois filhos, Francisco da Silva e Margarida da Silva, vindo ella a falecer por fins de 1554, como o comprova a carta de quitação da Feitoria de Flandres de 28 de Agosto de 1555. Ao facto do casamento de *Maria* glosou essa deliciosa canção que realça nos versos do Cancioneiro de Resende:

Se vos eu vira casada
Com quem vos bem conhecera,
Já em vos ver descansada
Algum descanso tivera;
Mas o vosso máo casar
Dobra minha saudade.
Casada sem piedade,
Vosso amor me ha-de matar.

Mas vêr-vos mal empregada,
Triste de vós e de mi,
De vós por vêr-vos casada,
E de mim porque vos vi.

A historia d'estes amores chegou a impressionar o publico, como se vê pelo emprego do nome civil de *Chrisfal*. O poeta, n'este soffrimento, mais apreciaria o olvido que as consolações:

Em descontento de meu mal,
Não queria maior bem
Que não m'o saber ninguém.

Christovam Falcão demorava-se em Portalegre para tratar das questões do sobrinho entregue a seu irmão Bernabé de Sousa. Para curar-se da decepção do consorcio de D. Maria Brandão, *a do Chrisfal*, casou-se em Portalegre, como se lê em uma copia de Nobiliario de Damião de Goes, com Aditamentos: «Christovam Falcão, filho de de João de Almada Falcão. Christovam foi muito bom poeta. Casou com Isabel Caldeira, de quem não houve filhos; mas houve em uma mulher solteira um filho que se chamou Christovam Falcão, tambem.»¹ Em um Obi-

¹ Este filho do poeta tambem chamado Christovam Falcão, tem de ser mencionado, porque pela sua homonymia se explicam certas lendas e factos que confundiram a biogra-

tuário encontrado por Antonio Sardinha, lê-se, que Isabel Caldeira, filha de Mestre Mendo Caldeira e Mór Dias, e mulher de Christovam Falcão, falecera em 7 de Maio de 1555. Desde 1548 a vida do poeta fôra sempre agitada, tendo sido prezo por que ferira o meirinho de Portalegre, do que se fez uma devassa em Maio de 1548; por interferencia directa Dom João III, em carta aos Desembargadores, em 14 de Julho de 1551, acudiu-lhe assignando depois o alvará de perdão.

Esta benevolencia do rei e do principe

phía do auctor do *Chrisfal*. Os linhagistas variam no nome da *mulher solteira*, sua mãe; uns dizem que fôra Isabel Caldeira, com quem depois casara o poeta; ou que fôra D. Margarida da Silva, com quem teve amores e depois casou (Nob., Belchior Leitão), ou ainda D. Guiomar da Silva (Rangel de Macedo). Diante d'esta incerteza, é mais seguro seguir o *Obituario* da Misericordia de Evora, que dá como falecida em 16 de Fevereiro de 1566 *Juzarte Lopes, mãe de Christovam Falcão. (Conimbricense, n.º 6107.)*

Em 1574 embarca para a Índia este Christovam Falcão; os genealogistas attribuiram a *ida para a Índia* ao pae, pela decepção dos seus amores. (Alão de Moraes, *Pedatura*.) Em 1589 no Roteiro de Gaspar Maciel fala-se da viagem de Christovam Falcão; pelo fim do seculo foi nomeado para a Capitania da ilha da Madeira, tambem attribuida por Barbosa Machado ao auctor do *Chrisfal*. É elle que pelo casamento com sua prima D. Maria de Castro, reune os bens de seu sogro Damião de Sousa e de seu tio Barnabé de Sousa.

D. João seria também devida á extrema sympathia manifestada pelos poetas portuguezes, mandando copiar as composições de Sá de Miranda e de D. Diogo da Silveira, filho do poeta do *Cancioneiro Geral* D. Luiz da Silveira. Esta corrente de sympathia suspendeu-se bruscamente pela prematura morte do principe Dom João, celebrada por todos os poetas da nova Eschola italiana. N'este anno de 1554 appareceu impressa em Ferrara a «*Historia da Menina e Moça de Bernardim Ribeiro e algumas Eglogas suas,*» e desvendando o seu segredo: «*Hua mui agradavel Egloga chamada **Chrisfal**, que dizem ser de Christovam Falcão, ho que parece alludir o nome da mesma Egloga.*»

As *Trovas de Chrisfal* é que continuaram a ser citadas pelos escriptores portuguezes do seculo XVI, signal de que a edição de Ferrara não chegaria a ser conhecida, porque os vestigios d'ella em edições avulsas do seculo XVII, derivaram da reproducção de 1559, de Birckman, em Colonia. N'este anno de 1554 faleceu D. Maria Brandão; comprova-se pela quitação passada em 28 de Agosto de 1555 aos herdeiros de João Brandão

Sanches, Feitor de Flandres, de 1 de Dezembro de 1520 a fim de Agosto de 1525; era-lhes devida a quantia de «52\$462 reis no Almojarifado de Moura á mulher e herdeiros de João Brandão, que lhe são devidos pelo cumprimento de paguo . . . a 5 de Novembro de 526.» (*Arch. historico*, vol. VII, p. 327.) Os *herdeiros* são os filhos menores, de D. Maria Brandão representada por elles na pessoa de seu marido Luiz da Silva de Menezes e genro do Feitor. Os ultimos annos de Christovam Falcão parece apagarem-se na prosa da vida, e quanto mais, os documentos historicos o trazem á concreta realidade, mais a lenda amorosa vem de novo aureolal-o, com a tradição da *Fons Chrisfalis*, de que falla João Soares de Brito, no *Theatrum Luzitaniae Litterarium*: «conforme uma antiga tradição o mesmo Christovam Falcão se apaixonara por uma lindissima mulher, D. Margarida da Silva, a tal ponto que tendo-se esta recolhido no convento de Lorrvão, elle foi viver para aquelle sitio e conservando-lhe constante amor até á velhice. Que no Lorrvão ainda existia em 1635 uma *Fonte do Chrisfal*, onde costumavam ir os namora-

dos. » Esta lenda formou-se sobre a *Segunda parte do Sonho de Chrisfal*, que se julga ter sido impressa em 1571 na *Silvia de Lisardo*. A inscrição de seu filho como fidalgo da Casa Real em 1576, revela-nos ter succedido a seu pae apoz esta data. A influencia de Christovam Falcão reconhece-se em Camões, Jorge de Montemór, em Francisco Rodrigues Lobo, glosando algumas das suas Cantigas, em Manoel da Veiga e nos lyricos que escaparam ao *Culteranismo*.

Na Eschola trobadoresca portugueza do fim do seculo XIII, encontramos os germens lyricos, que revivesceram em Gil Vicente; esse fundo tradicional vibra ainda na idealisação de Bernardim Ribeiro, Christovam Falcão e Camões. Apresentamos um facto, a Canção de Estevam Coelho (*Canc. da Vaticana*, n.º 321):

Sédia la fremosa, *seu fuso torcendo*,
sa voz manselinha, fremosa dizendo
Cantigas d'Amigo.

Sédia la fremosa, *seu fuso lavrando*
sa voz manselinha, fremosa cantando
Cantigas d'Amigo.

.

Christovam Falcão imitou Bernardim Ribeiro pela impressão primeira que lhe suscitou a vocação poetica; mas como tirava das suas emoções intimas os elementos das bellas idealisações, quando imita esse modelo dominante excede-o, como n'aquella imagem do *fuso*, que cahia da mão da pastora esquecida em devaneio amoroso. Bernardim Ribeiro tinha esboçado essa imagem na Egloga III:

Quando vem ao sol posto,
Que então sohia de vêr
Aquelle formoso rosto,
Torno a ensandecer,
Porque perdi tanto gosto,
Que vinha sempre cantando,
Tão desejoso de vê-la,
E agora ando chorando,
Porque *a achava fiando*,
E eu porque me fiei d'ella.

Christovam Falcão sentindo a belleza da situação, toma esse traço pittoresco e anima-o com um sentido moral:

Alli triste, só, saudosa,
Vi entre duas ribeiras
Uma serrana queixosa,
Carreando umas cordeiras,
Sendo cordeira formosa.

E como alli têm por uso,
Em uma roca fiando,
Mas com o que ia cuidando
Caia-se-lhe o fuso
Da mão de quando em quando.

Camões não podia ser insensível á beleza natural d'este quadro, e imitou-o em um dos seus Sonetos; perante a Carta de Africa se pode fixar o tempo desde quando Camões conheceu a Egloga de *Chrisfal*. É admissível que existisse conhecimento pessoal entre os dois poetas, no regresso de 1543 de Italia, ou em 1548, terminado o triennio da Capitania de Arguim. Faria e Sousa, que excavava todos os logares analogos e trêchos de Camões, fixou o Soneto XLI da primeira centuria, aproximando-lhe a estrophe typica do *Chrisfal*:

Quantas vezes do fuso se esquecia
 Daliana, banhando o lindo seio,
 Outras tantas de um áspero receio
 Salteado Laurenio a côr perdia.

.....
 Como póde a desordem da natura
 Fazer tão differentes na vontade
 Aos que fez tão conformes na ventura?

Quando Camões, já na India, escrevia o quadro mais grandioso da sua Epopêa, o

Adamastor, foi levado a servir-se de certas rimas do *Chrisfal* a que deu um effeito esthetico inegualavel:

Que não sei como o conte
Mui quieto e mui quêdo
Por ser entre monte e monte;

(Ed. de Ferrara.)

Que não sei como o conte
Estar junto de um penedo,
Por ser antre monte e monte.

(Ed. sem data.)

Na Outava esculptural, que começa—
Oh, que não sei de nôjo como o conte — Camões deixou a perder de vista o cantor *Chrisfal*. Faria e Sousa foi achar nos versos da Egloga:

Este bem que nunca fôra,
Pois foi o que não sonharam

uma imitação no soneto XVII de Camões:

D'este passado bem que nunca fôra.

Estes paradigmas servem para determinar a influencia do apaixonado poeta exercida sobre o genio dos maiores cultores das musas.

Jorge de Monte Mór, que viera a Portugal no séquito da princeza D. Joanna em 1553, conheceu a Egloga *Chrisfal*, em que Maria tanto se parecia com *Di-Ana*, pelo que diz do seu desgraçado casamento:

Quiso bien y fué querida,
Olvidé y fué olvidada,
Esto causó mi casamiento
Que a mi me tiene cansada.
Casara yo con la tierra,
No me viera sepultada
Entre tanta desventura
Que no puede ser contada.
Niña me casó mi padre
De su obediencia forçada;
Puse á Sireno en olvido
Que la fé me tenia dada.

.....
Como vivirá la triste
Que se vê tan mal casada!

Francisco Rodrigues Lobo deveu-lhe o timbre das deliciosas Esparsas que espalhou por entre as prosas da sua *Primavera*; e embora D. Francisco Manoel de Mello não o nomeie no *Hospital das Letras*, examina a *Silvia de Lisardo*, onde se imita superiormente as belezas de *Chrisfal*, completando a historia dos

amores do vehemente namorado. As numerosas edições de *Chrisfal*, no seculo XVII, embora descuradas, mostram a sympathia com que eram recebidas pelo vulgo em edições de folha volante ou *pliego suelto*. O seculo XVIII desconheceu muito Christovam Falcão, apesar de apontado como auctoridade quinhentista para o Diccionario da Academia das Sciencias. A Arcadia desconheceu-o, ou não tomou conhecimento do *Chrisfal* pela edição plebêa de 1721. José Agostinho de Macedo, pelas tradições lorbanenses da *Fons Chrisfalís*, é que conseguiu vêr um raro exemplar da Egloga, e debalde chamou para ella a attenção do joven poeta Antonio Feliciano de Castilho, em 1824, para afastar o ingenuo *Mémnide Eginense* do desorado arcadismo das *Cartas de Ecco e Narciso*. ⁽¹⁾ Castilho estava virado para a imitação dos bucolicos allemães, e Macedo declara-lhe:

(1) Carta publicada no *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, p. 386. Nesta Carta escreveu o padre atrabiliario: «este Christovam Falcão achou-se com Afionso de Albuquerque na conquista de Malaca, e era capitão de um tẽrço, que vem a ser cousa que por certo valia trinta tenentes generaes dos nossos de dragonas grandes.» Enganou-se Macedo com a

«Todas as traducções da collecção de Huber não valem um Christovam Falcão, auctor d'aquellas *namoradas Trovas*, como diz um historiador nosso: . . . Olhe que os antedelvianos não eram mais chorões que *Chrisfal* quando diz:

E por quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas
Aquellas doces achei . . .

Em uma róca fiando,
Mas o fuso lhe cahia
Dos dedos de quando em quando.»

Castilho não pôde seguir a indicação de José Agostinho de Macedo, por que era de extrema raridade a Egloga *Chrisfal*, que desde 1721 não fôra mais reimpressa. Garrett não pôde incluil-a no *Parnaso lusitano*, e não o aprecia no seu bello quadro da historia da Litteratura portugueza. No comêço do

homonymia do poeta: *este Christovam Falcão*, filho de Gonçalo Falcão, casado com D. Isabel de Albuquerque em 1487, com fôro de fidalgo de 1486, da Casa real em 1497, morreu em Evora em 1550. Tambem teve um caso de amor, porque nas geneologias manuscriptas se lê: «*casou segunda vez á sua vontade com Dona Violanta Pereira.*»

seculo XIX, quando o sabio Bouterwek imprimia a *Historia da Litteratura Hespanhola*, limitava-se a additar-lhe um capitulo final sobre a Litteratura portugueza; mas por felicidade, as suas relações em 1802 com um erudito portuguez, que lhe communicara os seus subsidios sobre os escriptores patrios, levaram-o a escrever sobre esse ignorado assumpto um volume, dando o quadro completo da *Historia da Litteratura Portugueza*. N'esta obra, depois de apreciar com summa lucidez Bernardim Ribeiro, apresenta um rapido mas nitido estudo sobre Christovam Falcão; vê-se que conheceu a edição de Colonia de 1559, e comparando o estylo do *Chrisfal* com o das Eglogas de Bernardim Ribeiro, considera o estylo e linguagem d'aquelle mais archaicos. Isso já notaramos, mas este juizo levamos á observação, que Bernardim Ribeiro era um graduado da Universidade de Lisboa e em relações pessoaes com humanistas; e Christovam Falcão que só tarde entrou na vida da côrte. Bouterwek considera que as Canções lyricas que se seguem ao *Chrisfal* pertencem tambem a Christovam Falcão; e conhecendo a importancia da *Carta*, em que

o poeta allude á sua prisão, transcreve essa rubrica explicativa, pelo seu valor historico. Vê-se que no principio do seculo XIX começava a ser estudado Christovam Falcão: Bouterwek transcreve no seu texto allemão seis das mais lindas estancias do *Chrisfal*, em portuguez. Isso bastava para acordar o interesse da critica europêa. Foi devido a esta noticia, que um curioso portuguez que estivera em Hamburgo com casa commercial, durante as luctas fraticidas dos Braganças, adquiriu o rarissimo exemplar de Colonia de 1559, que guardou com o mais egoistico carinho, sobre o qual planeára uma novella no estylo das do Conselheiro Bastos. D'esse exemplar é que sahiu a cópia, que serviu para a edição feita no Porto em 1871 longe do recurso do Archivo e das Bibliothecas, que no anno seguinte viemos a frequentar em Lisboa. Não pudemos logo recommençar em Lisboa o nosso estudo; novos volumes da *Historia da Litteratura portugueza* vieram a lume, e uma intensa actividade de propaganda philosophica e politica, de conferencias, congressos, comicios, revistas e jornaes afastaram-nos d'esses estudos encetados. Es-

tava provocado o interesse por Christovam Falcão; mas fizeram-se estudos, investigações e críticas subjectivas, folhetos, livros e polemicas, reclâmes retumbantes em gazetas, para concluir que Christovam Falcão era um mytho com que andámos trez séculos illudidos. (1)

(1) Em 7 de Maio de 1903 fez o snr. Delphim Guimarães publicar no *Diario de Noticias*:

«*Noticia Litteraria de sensação.* Consta-nos que depois de aturado estudo e minuciosa investigação, conseguiu o illustre escriptor e distincto poeta Delphim Guimarães, apurar que a figura do *poeta Christovam Falcão pertence exclusivamente ao dominio da lenda*, por isso que tal poeta só existiu na imaginação d'aquelles que viram n'um anagramma cabalistico de Bernardim Ribeiro a encarnação de outra individualidade.»

Deixando os rufos do reclâme pessoal; em 9 de Maio o *Diario da Tarde* tocava a alarme sobre a sensacional descoberta, e João Grave fazia uma columna de estylo: «Delphim Guimarães, um poeta e um romancista de talento, vem trazer á imprensa a sua *extraordinaria revelação, negando que Christovam Falcão existisse*. . . Não existe pois duvidas, que *Christovam Falcão é o amavel, o terno, o doce, o idyllico bucolista Bernardim Ribeiro*, cabendo a Delphim Guimarães a gloria de fazer esta affirmação pela primeira vez na imprensa antes de a fixar definitivamente em livro.»

A esta puchada acudiu José Sampaio (Bruno) em 10 de Maio d'esse anno com uma carta a João Grave, resignando a sua primazia: «quem primeiro deu a publico a noticia de que *Christovam Falcão é Bernardim Ribeiro como indubitavel*

e incontrovertivel seja, encontra-se ser um inôço excellente, estudioso e cheio de merito.

« Quem não está em erro é o nosso amigo Delphim Guimarães quando affirma que *Christovam Falcão é Bernardim Ribeiro*. N'isso é que não pode quedar sombra de duvida. *Christovam Falcão é com effeito Bernardim Ribeiro.* » (Ib.)

Para chegar a esta absoluta convicção, Bruno apenas lêra os textos de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, quedando-se ao vislumbre momentaneo do problema paradoxal da identificação dos dois poetas. Eis que em 16 de Novembro de 1908 é posto á venda o livro de Delphim Guimarães *Bernardim Ribeiro: o poeta Chrisfal (Subsidios para a Historia da Litteratura portugueza)*.

Os jornaes mais lidos de Lisboa e da provincia publicaram logo enthuziasticas apreciações, glosando quasi pelas mesmas palavras a *Noticia litteraria sensacional*: aturado estudo, conscienciosas investigações, demonstração consciencientemente documentada, paciente investigação, bem disciplinado criterio, aturada analyse, com inversões de phrases e adjectivos varios. E de 16 de Novembro de 1908 a Fevereiro de 1909, todo esse côro unisono alludiu com assombro á descoberta do *Crisma falso* e a ser Christovam Falcão producto de um erro litterario que deitou raizes.

Delphim Guimarães, no prefacio do seu livro apresenta esta base ou conclusão: « O trovador Christovam Falcão era o producto de uma lenda nascida da interpretação dada pelo vulgo ao anagrama *Chrisfal*. »

« Alcançada a convicção de que *Chrisfal* era um anagrama de Bernardim Ribeiro, e norteados pelo conhecimento de que nas suas producções o poeta mudava constantemente os seus nomes pastoris, com um pequeno trabalho de raciocinio não nos foi difficil deduzir a constituição do criptograma, que era formado pelas primeiras syllabas das palavras *Chrisma* e *Falso*. » É esta a prova fundamental que levou o sr. Delphim Guimarães pela critica subjectiva a homologar as poesias de Bernardim Ribeiro com as de Christovam Falcão, relegando

este para os *domínios da lenda*. Como nenhum facto histórico pôde exhibir para fundamentar a phantasmagórica these, agarrou-se á phrase que inventou de *Chrisma Falso*, que applicou na sua imaginativa a Bernardim Ribeiro para d'ahi o tatuar com o nome anagramático de *Chrisfal*. É tão frívolo e extravagante o processo que até por brincadeira se podem arranjar phrases similares, para mostrar que o sentido implicito d'ellas condiz com o anagrama aplicado a Bernardim Ribeiro; assim a phrase *Crise phalica* dá nas duas syllabas iniciaes *Chrisfal*, como também *Crise falada*, *Crisol falho*, por que a bem vêr Maria não soubera apurar os seus namorados, e outras muitas do theor do *Chrisma Falso*, que resalta nos elogios das locaes jornalísticas, d'onde concluem:

«*Chrisfal* é apenas um criptograma formado pelas primeiras letras de *Chrisma* e *Falso*, não passando portanto de uma lenda a existencia do poeta Christovam Falcão.» (*O Seculo* de 11 de Novembro de 1908.)

«Delfim Guimarães achou a chave do enygma: É *Crismo Falso*, porque na Egloga se encontra a mesma passionalidade de Bernardim Ribeiro com suppositivos nomes de *falsos crismas*.» (*A Lucta* de 16 de Dezembro do 1908, de Albino Forjaz Sampaio.)

«Obtida a prova subjectiva de como o poeta das *Saudades* era o trovador *Chrisfal*, na realidade um criptograma formado pelas primeiras syllabas das palavras *crisma* e *falso*, consegue destruir com argumento irrefutavel e cheio de brilho a lenda feita tradição.» (*O Dia*, 9 de Janeiro de 1909.)

«É o desabar de uma lenda secular. A lenda criou raizes. Mas Delfim Guimarães chegou á convicção de que este nome não pertence a nenhum Poeta, e as *Trovas de Chrisfal* eram de Bernardim Ribeiro.» (*Diario de Noticias* de 28 de Novembro de 1908: Dr. Candido de Figueiredo.)

«Digam o que quizerem, mestres pilhados em deturpação, o que quizerem do seu Bernardim Ribeiro e *Chrisfal*, são uma mesma pessoa, não sendo *Chrisfal* pseudonymo de Christovam Falcão, mas sim um composto das primeiras syl-

labas das palavras *Chrisma falso*, de que Bernardim Ribeiro fez uso.» (*Jornal das Colonias* de 18 de Janeiro de 1909.)

«Ficaram por terra uma a uma as pedras basilares — uma miragem secular — que dava *Chrisfal* como sendo Christovam Falcão, quando este não pertencia senão ao domínio da lenda, sendo uma perfeita mystificação a sua pretendida existencia de litterato.» (*Jornal das Colonias* de 18 de Janeiro de 1909.)

Os doze jornaes que durante tres mezes tocaram esta corda do *chrisma falso*, repetiram o que uma mesma mão lhes forneceu para glosarem, poupando-se a fadigas cerebraes de morosas leituras. O livro, á parte a critica subjectiva do *Chrisma falso*, é elaborado exclusivamente sobre os factos já appresentadas sobre Christovam Falcão, retocando qualquer cópia paleographica, ou interpretando o que estava dito a seu sabor e inventando por não entender mais. No côro jornalístico da campanha contra o quinhentista Christovam Falcão, afinaram assim, o *Primeiro de Janeiro*, de 20 do dito, de 1909: «É esta obra é o resultado de largas e aturadas *investigações* e de um *estudo consciencioso*.»

Sobre toda esta inanidade, assim falou o *Jornal de Noticias*, do Porto: «Modelo de investigação consciente e de criterio leal, *representa incontestavelmente o acontecimento mais importante em historia litteraria do nosso tempo*.»

N'esta atmospherá de insania não admira ter-se escripto: «*Maria Brandão já, coitadita, apeada de heroína do Chrisfal*.» (Braancamp Freire.) É que o livro do *Chrisma-falso* «honrava a erudição portugueza.» (Gonçalves Vianna.)

Tudo isto explica o silencio absoluto sobre o livro *O Poeta Chrisfal* — Subsidio para o estudo de um problema historico-litterario, pelo Dr. Raul Soares, publicado em Campinas (Brasil) em 1909. Documento de um verdadeiro valor e de seguro criterio, é esse estudo proficuo, — uma lagem tumular sobre os apparatus da critica subjectiva.

Trovas de hû pastor per nome Chrisfal

AUTOR:

Antre Sintra, a mui presada,
e serra do Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto d'onde o rio Tejo
se mete na água salgada,
houve um pastor e pastora
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cudaram.

Ella chamavam Maria,
e ao pastor Chrisfal,
ao qual, de dia em dia,
o bem se tornou em mal,
que elle mal merecia.
Sendo de pouca idade,
nam se vêr tanto sentiam
que o dia, que se nam viam,
se viam na saudade
o que se ambos queriam.

Algumas horas fallavam,
andando o gado pascendo,
e entam apacentavam
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavam.
E com quanto era Maria
pequena, tinha cuydado
de guardar melhor seu gado,
o que lhe Chrisfal dizia;
mas, em fim, foi mal guardado.

Despois de assi viver,
n'esta vida e n'este amor,
despois de alcançado ter
maior bem pera mór dor,
se houve em fim de saber
por Joana, outra pastora
que a Chrisfal queria bem.
Mas o bem, que de tal vem,
não ser bem mayor bem fôra,
por nam ser inal a ninguem.

A qual, logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
de tudo quanto sabia
fez certos e sabedores.
Chrisfal nam era então
dos bens do mundo abastado
tanto como de cuydado,
que, por curar da paixão,
nam curava do seu gado.

E como em a baixeza
de sangue e pensamento
é certo esta certeza:
cuydar que o merecimento
está só em ter riqueza;
perguntaram o que teria,
e d'amor nunca cudaram,
em que bem se descontaram
riquezas, que falecia,
por males que sobejaram.

Levaram-na a longuas terras,
então, descontentes d'isto,
esconderam-na antres serras
onde o sol nunca era visto,
e a Chrisfal deixaram guerras.
Além da dor principal,
para mór pena lhe dar,
puseram-na em logar
mao pera dizer seu mal,
e bom pera o chorar.

Alli os dias passava
em magoas d'alma saídas,
dizer a quam longe estava,
e chorava por perdidas
as horas que nam chorava!
Em valle mui salutarío,
sombrio e muy saudoso,
sendo monte temeroso,
pera chorar necessario,
pera a vida mui danoso.

Dizer o que elle sentia,
que queira, nam me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que escrevo
são as que elle dizia.
Alli, sobre hũa ribeira
de muy alta penedia,
d'onde a agua d'alto corria,
dizendo d'esta maneira
estava noite e dia:

FALLA CRISFAL :

Os tempos mudam ventura,
e eu sei pelos passar,
mas, por minha gram tristura,
nenhuns poderam mudar
a minha desventura.
Nam mudam dias nem anos
a o triste a tristeza,
antes tenho por certeza
que o longo uso dos danos
se converte em natureza.

Coytado de mi, coytado,
pois meu mal nam se amansa
com choro nem com cuydado;
quem diz que chorar descansa
é de ter pouco chorado.
Quando as lágrimas sam
por ygual da causa d'éllas
virá descanso por éllas,
mas como descansaram
quando são mais as querellas?

Comtudo, olhos de quem
não vivem fazendo al,
choray mais que os de ninguém,
que o que é pera mór mal
tenho eu pera mór bem.
Lágrimas, manso e manso,
prossigam em seu ofício ;
que não façam benefício ;
não servindo de descanso,
servirão de sacreíício.

Minhas lágrimas cansadas,
sem descanso nem folgança,
a minha triste lembrança
vos tem tam aviventadas
como mortas da esperança.
Correy de toda vontade,
que esta nam faltará ;
mas isto como será ?
pedi-la-ey á saudade,
a saudade m'a dará.

Todos os contentamentos
de minha vida passaram,
e em fim não me ficaram
senam descontentamentos,
que de mi se contentaram.
Éstes, pelo meu pecado,
inda que nunca pequei
a quem amo e amarei,
nunca desacompanhado
me vejo nem me verei.

Faz-me esta desconfiança
ver meu remédio tardar,
e já agora esperar
nam ousa minha esperança
por se mais nam magoar.
Se por isso desmereço,
de ser minha a culpa assim,
e seja já com a fim,
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

Meu coração, vós abristes
caminho a meus cuydados
pera virem ser banhados
na água dos meus olhos tristes,
tristes mal galardoados.
Necessário é que vamos
algun remédio buscar
pera se a vida acabar;
este bem que deseçâmos,
este vosso desejar.

Iremos pela estrada
per onde os tristes vam,
porque n'esta, de razão,
deve ser de vós achada
alguma consolação.
Sobir-m'ey ao pensamento,
que é alto; d'ahi verei,
verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quanto perdido hei.

Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou?
porque quem me a mim levou
meu aleyxado prazer
nenhum bem ver me deixou!
Deixou-me em escuridade,
um mal sobre outro sobejo,
pelo que, triste, me vejo
tam longe da liberdade
como do bem que desejo.

Verei a vida que em vida,
bem vista, tanto aborrece,
aborrece ho que padece
tristeza mal merecida,
a minha fé mal merece.
Levaram-me toda a glória
com quanto bem desejei,
desejei e alcancei;
ficou-me só a memória
por dor de quanto passei.

Lembrança do bem passado,
que nam devera passar,
esta me ha de matar.
Dá-me tam duro cuydado,
qual se nam póde cuydar.
Nada, se nam for a morte,
me dará contentamento,
segundo sei do que sento,
nem sento prazer tam forte
que conforto meu tormento.

Nam devo eu mal querer
a quem me aqui leixou;
que ouvido nam possa ser,
já me algum bem ficou:
sem meu mal poder dizer,
Mas, triste, nam sei que digo,
isto é fallar a esmo,
que assás me foi de enemigo
quem se vingou de my mesmo
com me só deixar comigo.

Que me queira consolar,
já meu mal nam tem conforto,
nem eu lh'o posso buscar;
eu para viver sam morto,
e vivo pera o passar.
Quanto mal tam desvairado,
e todos pera dar fim!
Tudo me é contrário! assim:
descuydo matou meu gado,
cuydado matou a my.

Como nam cansaes de ser,
vida de tam longos males,
que eu canso já de viver
e o eco d'estes valles
cansa de me responder?
As ribeiras, em eu vêl-as,
correm mais do que é seu fôro,
entrando meu choro n'éllas,
e, pois ainda que choro,
quero só fallar com éllas:

Companheiras de meu mal,
águas que d'alto correis,
onde caís, desigual,
parece que me dizeis:
— «Porque não choraes, Chrisfal?» —
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noite passei,
com o qual tal dor tomei,
que as minhas muitas fadigas
em mais fadigas as dobrei.

Depois de ontem deixar
de vos contar os meus males
fui-me a baixo deitar
no mais baixo d'estes valles,
valles bem de meu penar.
Onde, depois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas rezões,
mudei os meus pensamentos,
a minhas contemplações.

Contente de descontente.
a noite sendo calada,
como nam é a quem sente,
nam ficou cousa passada
que me nam fosse presente.
Vindo-me á memoria dar
quando andava com o gado
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir desejar,
de my pouco desejado;

Crendo que aproveitasse,
pera meu contentamento,
que eu com élla sonhasse,
e dê logar a meu tormento
algum pouco repousasse.
Porém, cansado estava
do que no dia passei,
em dormir pouco tardei,
e, adormecido, sonhava
o que vos agora direi :

SONHO

Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
alli velando estar,
quando da parte do mar,
gram vento se alevantava,
o qual com tal sobresalto
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto extremo alto
que a vista me falecia.

Vendo-me em logar tal,
baixei os olhos á terra
onde estava o meu mal,
que os valles e a serra
tudo julguei por ygual
mas, como avorrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já desejasse,
temor tam pouco temido
eu nam creio que se achasse.

Despois de ser já passado
este perigo de morte,
da terra mais abaixado,
contra a parte do norte
Antre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
d'onde poderei contar,
se o que notei nam me engana,
cousas bem pera notar.

Porque vi muytos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos d'alegres côres,
bem fóra dos meus cuidados,
mas nam dos de seus amores;
nam querendo mais haveres,
nem querendo mais riqueza,
que amor tudo despreza;
mas todos os seus prazeres
foram pera my tristeza.

Em um valle, descontente
estar António vi,
que casi nam no conheci,
sendo bem meu conhecente.
Aqueste é o pastor
que aqui veo buscar-me,
no mais de nam consolar-me,
e veo com tanta dor,
que me dá dor a alembrar-me.

Chorando lágrimas mil,
estava comsigo só,
de modo de pastoril,
de dó, bem pera haver dó,
tinto o hábito vil.
Com uma frauta tangendo
ao pé de um'árvore estava ;
dês'que da boca a tirava,
de dentro d'alma, gemendo
em vez de cantar, chorava.

Quisera-o consolar,
mas em cujo poder ia
nam me deu a mais logar
que ouvir-lhe que dizia :
— « Oh Guiomar, Guiomar !
em ti puz minha esperança,
emquanto élla s'encobre
agora em dor se descobre !
perigos, desconfiança,
fizeram do rico pobre. »

Assi, por elle passando :
— António, tenhas prazer !
lhe dixe, gram brado dando,
até da vista o perder,
os olhos n'elle leixando.
Deus lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
componheiros na tristura,
e que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

D'aqui fômos discarrendo
até o Tejo passar,
a água de quem eu vendo
me foi dor sobre dor dar,
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança d'ella,
virada foi minha face
para onde o gado paze,
da grande Serra da Estrella
da qual o Zézere nace.

Posto no seu alto cume,
deixaram-me ali estar,
e meu coração presume
que foi por me magoar,
como tinha por costume.
D'alli os pães semeados
ver a meus olhos leixaram,
que pam nam grados julgaram,
mas, posto que foram grados,
eu sei que nam me agradaram.

Já o sol se encobria
a este tempo, e, mais
ficando a terra sombria,
o gado a os cnrraes
já entam se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar,
e os chocalhos do gado
com um tom tam concertado,
que me fizeram lembrar
de quanto tinha passado.

Por serem as queixas vans,
vi berrar o gado mocho
cuberto das finas lans,
e assuviava o moucho,
e o triste cantar d'arrans.
Já serranas ao abrigo
se iam, prados leixando,
as mais d'éllas sospirando ;
uma dizia : Ay, Rodrigo !
outra dizia : Ay, Fernando !

Uma ciumes temia,
outra de si tem receo ;
uma ouvi que dizia :
« Quam asinha a noite veo ! »
outra : « Já tarda o dia ! »
E por este experimento
foy amor de mim julgado
por nam menos ocupado
do que é o pensamento,
que nunca está descansado.

Alli triste, soo, saudosa,
vi, antre duas ribeiras,
uma serrana queyxosa
carreando umas cordeiras,
sendo cordeira fermosa.
E, como alli tem por uso,
em uma róca fiando,
mas, com o que ia cuydando,
caía-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.

Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou em si dino :
Yo me yba, la mi madre,
a Santa Maria del pino.
O vestido lhe olhei,
e vi que era um breal
de seda, nam de sayal ;
ó qual eu afigurei
manga larga no bocal.

Depois de acabar seu canto,
dezia : « Ninguem me crêa
por me ver alegre tanto ;
visto-me á vontade alhea,
e o meu cantar é pranto ;
anda a dor desimulada,
mas ella dará seu fruto ;
a minha alma traz o luto ;
de pouco sam desposada,
mas descontente de muito.

« Troquey amor por riqueza,
porque m'o trocar fizeram ;
mas bem pago esta crueza,
que, em que cem contos me deram,
descontaram-se em tristeza.
A meu esposo aborreço
quando lembrança me vem
do primeiro querer bem ;
ninguem venda amor por prêço,
pois'elle prêço não tem.

« Nam tenho que lhe fallar,
se nam sam cousas passadas;
se lhe estas quero contar,
vão ser todas namoradas
pera o pouco namorar.
Fôra elle o meu amor,
e vivera provemente!
Que grande engano de gente!
Que pobreza ha 'hy maior
que a vida descontente?!

« Quando com elle me assento,
A fallar cáio em míngoas,
porque, por esquécimento,
fallando, descobre a língoa
o que jaz no pensamento.
Faz-nos isto entam ficar,
eu muda, elle mudado;
ama-me como é amado;
pera me d'isto guardar,
por bem ey o guardar gado.

« Maria perdi, mesquinha;
logo, fômos apartadas,
de meu mal fuy adivinha.
Milhor serem suas fadas
do que foy a fada minha!
Deus a dê ao seu Chrisfal,
por ambos contentes ser;
e mais não lhe quero ver,
mas cá sei, pelo meu mal,
o bem d'outrem escolher.»

Quando a eu assi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e entam que era Elena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que melhor lhe ia
quando a *cantar ouvia*,
dando fé — *que em sua cama*
o velho não dormiria.

Pena me deu nam querer
vêl-a em tal tristeza posta;
quisera-lhe eu responder,
mas trespôs uma trespоста,
polo qual nam pôde ser.
Despois de ver-me sem vêl-a,
os meus olhos me choraram;
quantas cousas lhe lembraram
que antre my, Maria, e ella
em outros tempos passaram !

Dês'que isto meu cuidado
me esteve fazendo guerra,
sendo o dia já passado,
vi-me levado de terra,
contra as nuvens alçado.
Então, como ave voante
de quem me alli trouxera,
sonhei que levado era
por meu caminho avante
o sol vi que se puzera.

Indo com nam menos dôr,
inda que com mais socego,
os ventos me fôram pôr,
até passar o Mondego,
andando de mal em pior.
Alli vi grandes montanhas
de alguns valles cubertas,
aos naturaes extranhas,
onde vi muy descobertas
minhas maguas ser tamanhas.

Junto de uma fonte era
o logar onde fuy posto.
onde, certo, nam quisera,
e em bem logar de gosto
pera quem gosto tivera ;
mas, a mi, nem o passado
nem o que era presente
nada me nam fez contente,
mas folguey de ser achado
muy cheo de descontente.

Cuberta era a fonte
de tam fresquo arvoredado,
que nam sei como o conte,
estar junto de um penedo
por ser antre monte e monte.
A noite de ventos muda.
como saudade se colha,
e porque mais prazer tolha,
chovia água meúda
por cima da verde folha.

Dsepois que alli chegava,
ou dsepois que alli cheguei,
souhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que entam me era mostrado
tendo-o por verdadeiro,
ao pé de um castanheiro
me puz, triste, assentado,
ouvindo o tom de um ribeiro.

Meus olhos e eu passámos
ali a noite em amores
té que ao tempo chegámos
a que nós outros, pastores,
o dipendio chamámos.
N'aqueste tempo corrompe
aquelle que ama real
o silêncio do seu mal,
que é quando a alva rompe
e ao dia faz sinal.

E então porque tudo o falle,
contando minhas paixões,
que razão é que nam cale,
ouvi gritar uns pavões
lá no mais baixo do valle ;
'trás d'isto, pouco tardando,
um doce cantar ouvia,
que na minha alma caía,
o qual eu, bem escuitando,
entendi que assi dizia :

Nã sei pera que vos quero,
pois me d'olhos não servis,
olhos a que tanto quis!

Para ver me fôstes dados,
e vós a chorar vos destes,
e, se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes;
dês'que n'elles me pusestes,
do descanso me fugis,
olhos a que tanto quis!

Meus olhos, por muitas vias,
usaes commigo cruezas;
tomaes as minhas tristezas
pera vossas alegrias;
entram noites, entram dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos a que tanto quis!

Quando vós primeiro vistes,
que não me era bom sabíeis;
mas, por gosar do que víeis,
em meu dano consentistes;
o que entam me encobristes
agora m'o descobris,
olhos a que tanto quis!

Ando-vos a vós buscando
cousas que vos dêem prazer,
e vós, quanto podeis ver,

tristezas me andaes tornando ;
agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos a que tanto quis !

Quem o que digo cantava,
dêspoiz que o cantado teve,
nam sei o que o causava,
mas espaço se deteve,
assy como que cuydava ;
despoiz de cuidado ter,
de novo o que falou,
este cantar começou,
o qual devia de ser
aquilo em que cuidou :

Como dormirão meus olhos ?
Nam sey como dormirão,
pois que vela o coração.

Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a eu pude dormir,
de ser muito acordada ;
dos meus olhos foi velada ;
mas como não velarão,
pois que vela o coração ?

As horas d'ellas chorey
dormil-as; foram choradas ;
pois, tam bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.

Todas as noites passadas
n'este pensamento vão,
pois que vela o coração !

Pássaros, que namorados
pareceis no que cantaes,
não ameis, que, se amaes,
de vós sereis desamadas.
Em meus olhos agravados
vereis se tenho rasão,
pois que vela o coração.

Como a cantiga mostrava,
fuy-me eu logo julgar
era a voz de quem cantava,
que, por mais que bem cantar,
em ouvir me contentava.
Porque de quem ser podia
entam sospeyta me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria,
ou o do desejo meu.

Com um temeroso prazer,
que sóe ter quem deseja,
esperando eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder :
N'este desejo, d'estima
estando-a eu ouvindo,
a Deus por ella pedindo,
vir a vy pollo valle acima,
e seu cantar proseguindo.

Muito a vi eu mudada,
mas comtudo conheci
ser a minha desejada
a que, assi vendo, vi,
a vista no chão pregada.
Com o seu cantar pensoso,
e passadas esquecidas
a o tom d'ellas medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

Uma coifa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
uma talinha pedrada,
ou um pedrado tanor.
Quisera-a ir receber,
vendo-a ante mim presente,
mas nam pude, de contente,
que, indo para o fazer,
de prazer me achei doente.

Vendo entam que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava,
e vi que aquella hora
commigo emparelhava ;
dando uns mui doces brados
caídos do coração,
a cantiga vinha então :
*Em meus olhos agravados
vede se tenho rezão.*

A o que eu responder
me lembra : — Sam agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bem-aventurados,
pois que vos poderam vêr! —
Como élla em me ouvir
gram sobresalto sentisse,
quis fugir, mas, quem lhe disse
que se posesse a fugir,
lhe fez com que nam fugisse.

Nas mulheres o temor
tanto o poder impede
quanto o mêdo maior for,
e contra d'onde procede
os olhos costumam pôr.
Ella, fazendo assy,
vendo-me, ficou mudada ;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mi,
a ser bem certificada.

Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lágrimas lhe vi correr
dos olhos, que nam movia
de mi, sem nada dizer.
Eu lhe disse : — Meu desejo,
(vendo-a tal com assás dor),
desejo do meu amor,
crerey eu a o que vejo,
ou crerey ao meu temor ? —

A isto, bem sem prazer,
me tornou entam assi,
com voz de pouco poder :
« Chrisfal, tu que vês em mi
que não seja pera crer ? »
Eu lhe respondi : — Perdi-vos
de vos vêr por tanto anno
fazem assi temer meu dano,
que vejo assi meus olhos vivos,
e temo que me engano ! —

« Pois crê, certo, que esta sam »,
deu a isto por reposta,
inda que alegre nam,
e quem em tal dor é posta
o que d'ella não crerão ?
Bem é de crêr o meu chôro
a que tu causa me deste ;
não te espante o que fizeste,
que quem me pôs n'este fôro
tu és o que me poseste.

« Por ti me vi desterrada
em estas extranhas terras
de d'onde eu fuy criada,
e, por ti, antre estas serras,
em vida sam sepultada ;
onde assi me perderem
a frol dos annos se vão ;
ora julga se é rezão
das minhas lágrimas serem
menos d'aquestas que são ! »

Despois que ysto falou,
como quem assi respeita,
as mãos ambas ajuntou,
e, póstas na face direita,
dizer assi me tornou :
« Sobre o muito que perdi,
nenhuma cousa duvido
em ter o saber perdido,
pois tam mal me defendi
do que me era defendido. »

Eu lhe perguntei a-ora,
muy triste de assi a ver :
— Quem teve tanto poder
que tenha poder, senhora,
de nada vos defender ?
Respondeu por antre-dentes,
como falla quem se peja :
« Dir-t'o-ei, posto que seja :
defendem-m'o meus parentes
que te nam falle nem veja.

Chrisfal, é-me forçado
fazer a vontade sua,
porque o tenho jurado,
e tambem porque da tua
o certo me tem mostrado ;
que me dão certa certeza,
porque fazem conhecer-me
o que eu hei por gran enveja :
o amor que mostras ter-me
ser só por minha riqueza. »

Ouvir-lhe eu isto, me era
passar o trago mortal,
que não ha cousa tam fera
como é achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu nam esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta reposta,
que me alembra que lhe dei :

— Ó Maria, ó Maria,
brando acharia meu mal,
se, pera minha alegria,
vos vira a vontade tal
como ella ser devia.
Mas nam é nova usança
quem grande bem esperou
nam ver o que desejou ;
muito pode a mudança,
pois que tanto vos mudou !

Quem pudera sospeitar
que no amor e na fé
me haviéis de faltar !
mas, pois isto assi é,
tudo é pera cuidar.
Pois, por mais mal que se guarde,
sempre será meu amor
como sombra, de quem fôr :
quanto vae sendo mais tarde,
tanto vae sendo mayor.

Quando vos dei a vontade,
ynda vós éreis menina,
e eu de pouca ydade;
mas caíu minha molina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riqueza soubesse,
pois meu amor verdadeiro,
de quem só sois interesse,
quem me faz interesseiro.

Sobre a terra anda o gado,
sobre alla ouro e riqueza,
mas pera que é desejado,
que em fim nam tira tristeza
e acrecenta o cnidado?
Nam sei em que se encerra
ser esquecida estranha
esta verdade tamanha:
que fica o haver na terra,
o amor a alma acompanha.

Nus n'este mundo nascemos,
e nus saíremos d'elle;
n'este meio que vivemos
só o rico é aquelle
que ser contente sabemos.
E que grandes bens nos desse
aqueles que vol-os deram,
eu sei bem que nus nasceram,
e antes que os tivessem
é certo que nam tiveram.

Pois se isto é assy,
e o eu tambem conheço,
como se crerá de mi
que sofrer o que padeço
póde ser a essa fim?
Cuiday que cuidado tinha
das nossas riquezas grossas?!
Das cousas passadas, nossas.
vereis ser riqueza a minha
vós, que eram riquezas vossas!

Mas que fôsse assi, e mais,
que remédio vos dão,
com quem conselho tomaes
á grande obrigação
em que a Deus me estaes?
Que nam são casos pequenos
pera que a alma nam doa. —
Respondeu: «Essa é boa!
Dizem que isso é o menos,
que Deus que tudo perdôa.

« E dizem que môça era
no tempo que isso foi ser;
com o tempo de crescer
tinha, que assim justo me era
têl-o de me arrepender.
Isto e mais se me diz,
crê que te fallo verdade,
que nam tinha liberdade
pera fazer o que fiz,
por minha pouca ydade.

« Então me mandam que meça
amor com quam longe estamos,
pera que mais não me empeça,
e, se prazeres passámos,
os dissimule e esqueça ;
e que então me buscarão
um mui grande casamento,
tam de meu contentamento
quanto os meus olhos verão,
e que o mais, crea que é vento.

« Muitos pastores buscaram,
mas ã pastor por ser-te amigo,
e outro por ser-te inimigo
um e outro se escusaram ;
e dam-lhe logo commigo
gado, que farão mil queijos ;
mais o com que se despediam
é já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha bocca achariam (1).

« E eu, de mim esquecida,
vou-lhe fazer o contraíro !
a ser tal culpa sabida,
sei certo que este desvairo
pagarei com minha vida.
E em isto ser assi
assás de razão seria,
pois tam mal n'aqueste dia
o seu mandado cumpri,
como quem me a my cumpria.

(1) Estrophe supprimida em todas as edições.

« Nam te veja aqui ninguem ;
vae-te, Chrisfal, d'esta terra ;
não quero teu querer bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem ! »
Em lhe eu isto ouvindo,
fuy pera lhe responder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
se me tornou a volver.

Dei-lhe uma voz sentida :
— Porque me negas conforto,
alma desagradecida ? —
então, casi como morto,
oxalá perdera a vida !
Nam sei eu o que passou
em quanto isto passei,
mas junto commigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em my tornei.

E dizendo : « Ó mesquinha !
como pude ser tam crua ! »
bem abraçado me tinha,
e a minha boca na sua,
a sua face na minha.
Lágrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
e, com quanto certo sei
que as lágrimas são salgadas,
aquellas doces achei.

Soltei as minhas entam,
com muitas palavras tristes,
e tomei, por concrusão :
— Alma, porque não partistes,
que bem tínheis de razão ? —
Então élla, assy chorosa,
de tam choroso me ver,
já pera me socorrer,
com uma voz piadosa,
começou-me assy dizer :

« Amor de minha vontade,
ora no mais, Chrisfal manso,
bem sei tua lealdade ;
Jesu, que grande descanso
é falar com a verdade !
Eu sey bem que nam me mentes,
que o sentir é diferente ;
não falla d'alma quem mente ;
Chrisfal, não te descontentes,
se me queres ver contente.

« Minha fé te é verdadeira,
no mal que te fiz o vi,
porque em fim, á derradeira,
nam quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor,
deixara eu de te querer,
se o podera fazer ;
mas poder e mais amor
não podem estar n'um poder.

« Quando contigo falei
aquella ultima vez,
o choro que entam chorei,
que o teu chorar me fez,
nunca o esquecerei.
Foi esta a vez derradeira,
mas comêço de paixão,
passando-me eu entam
pera o casal da Figueira
do Val de Pantaliã.»

N'este passo, acordei *eu*,
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento
qual nunca cousa me deu.
Não sei que a Deus custava,
porque não me outorgara
que n'esta glória ficara,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordara.

Assi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dobram a pares,
morreu meu contentamento,
dobraram-se meus pesares;
Por quam gran dita tivera
se, por dar fim a tristura,
eu n'este tempo morrera!
Sabe Deus, que bem quisera,
mas não quis minha ventura.

Nam vos posso mais contar,
águas minhas, minhas águas,
que me não deixa o pesar.
Ora choraes minhas mágoas,
que bem são pera chorar.
Quem que cem olhos tivera
como teve Argos pastor,
da vaca luno guardador,
mais olhos mister houvera
pera chorar tanta dor.

Por me isto alembrar,
não vos pareça história,
que as cousas de muita glória,
com as de grande pesar,
recebe bem a memória.
Por sonho, antes vos ponho
o que sem dormir os vi;
por meu mal foi todo afim;
mais seja pera vós sonho,
pois sonho foi pera mi.

Isto que Chrisfal dizia,
assi como o contava
uma ninfa o escrevia
n'um âlemo que alli estava,
que inda entam crecia.
Dizem que foi seu intento
de, escrevêl-o em tal lugar
pera, por tempo, se alçar
onde baixo pensamento
lhe nam podesse chegar.

Eu o treladei d'alli
d'onde mais estava escrito
que aqui nam escrevi,
porque em mal tam infinito
não se póde dar a fim,
O que se fez de Chrisfal
nam sabe, em certo, ninguem;
muitos por morto o têm,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem!

FIM

Carta

Do mesmo, estando prezo, que mandou a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem sobre que fez (segundo parece) a passada Egloga.

Os prezos contam os dias
mil anos por cada dia ;
mas os meus, sem alegria,
como os contarei eu,
verdadeiro amor meu,
a quem por meu Deus conheço ?
pois como prezo padeço,
e como quem vos não vê,
mal, cuja dor se não crê,
de prizão e de ausência ;
e sem pecar, penitência
faço de trás de uma grade.

Meus olhos, de escuridade,
já não vêem, estão mortaes ;
pera que era vêr mais
dês'que vos êles não viram,
dês'que de vós se espediram ?
Bem se enxerga nos danos
que estou prezo ha cinqu'anos,

afóra os que hei de estar
passando em desejar
o tempo que vos não vejo.
Vêde que fé de desejo
em que lugar me acompanha!
Nunca se viu fé tamanha
nem tam mal agradecida!

Não quis Deus que a minha vida
fosse pera mais que isto;
ainda que em vos ter visto
não naci em vão, senhora,
que a vida é uma hora,
este bem será eterno;
que, quer estê no inferno,
quer estê no paraíso,
nunca me verão deviso
d'aqueste tamanho bem.
E não vos diga ninguém
que o mal que me tendes feito
me faz ter outro respeito,
inda que fôra rezão;
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer,
e sempre isto ha-de ser
em quanto eu vivo fôr.
Que verdade e que amor
pera se não ter em muito!
e quam pouco é o fruto
que d'êle tenho tirado!
Quem lançasse o meu cuidado
onde o não visse mais!
pois lembranças tam mortaes
traz á minha fantasia,
que basta uma de um dia

para me os mezes tirar!
N'êle vos vi eu chorar,
e n'êle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro de meu mal.

Nada, senhora, me val,
não sei em que me sustenho;
pois que vos escrito tenho,
porque não vejo reposta?
Quem vos pôs no que estaes posta?
Que palavras vos disseram,
que mais que a razão puderam
que já entre nós posemos?
Cuidae quanto nos quisemos,
e não vos possa mudar
dizer que vos podem dar
outrem que tenha mais que eu.
Poder ser, não nego eu;
mas bem vos posso affirmar
que não podereis achar
outrem que vos tanto queira.
Olhae que, á derradeira,
riqueza não tira dor,
pois, antre éla e o amor,
qual é mais pera estimar
deve ser bem de julgar.
Mas, com quanto eu isto digo,
mal acabarei commigo,
senhora, que possa crêr
mudar-se vosso querer
por nenhuns outros queres,
esquecendo os prazeres
do nosso tempo passado,
que me fez tam esforçado

que, em quanto (a meu cuidar)
a terra me não gosar,
ninguém gosará de vós
se não meus cuidados sós,
que em vossa contemplação
os tempos gastando vão,
como se fôsseis presente,
com uma fé tam constante
como no tempo melhor.

E se isto ante vós fôr
que me pus a escrever,
querei, senhora, entender
que tinha que dizer mais;
mas lembraram-me os sinaes
vossos, e olhos fermosos,
e os meus, de saudosos,
lembrando-se que vos viram,
com lágrimas me impediram
poder pôr mais por escrito.
Baste o que tenho dito
pera haver, por galardão,
três regras de vossa mão;
pera reposta das quais,
senhora, fique o mais
que aqui escrever devera
se o escrever pudera.

Cantigas, Voltas e Esparsas

I

CANTIGA

Vi o cabo no comêço,
vejo o comêço no cabo,
de feição que não conheço
se começo nem se acabo.

Quando meu mal comecei,
com muito bem começou,
mas o fim que lhe esperei
no comêço se acabou;
acabou-se no comêço,
pois se começa no cabo,
de modo que não conheço
se começo nem se acabo.

No comêço de meu mal
vi cabos de muito bem,
mas este bem saiu tal
que nenhum bom cabo tem;
faço no cabo comêço,
sendo no comêço cabo,
de feição que não conheço
se começo nem se acabo.

II

OUTRA

Nunca sinto um mal vir só
nem singelo, mas dobrado,
porque um dó traz outro dó,
um cuidado outro cuidado.

Quando vêjo um mal comiguo
passo pela pena d'êle,
com outro mór de perigo,
de muitos que vêm com êle;
porque nunca vem um só,
pera ser o mal dobrado,
mas um dó traz outro dó,
um cuidado outro cuidado.

III

ESPARSA

Deixae-me, cuidados vãos,
desejos desesperados!
olhos mal aventurados,
quanto me fôreis mais sãos
se vos tivera quebrados!
Trabalho por não ser vosso
cada dia e cada hora,
e então fico, senhora,
contente, quando não posso.

IV

CANTIGA

Que forte fortuna siguo,
a que grande extremo vim,
que já não vejo periguo
pera mim maior que mim!

Tudo soube arreçar
que era bem que arreceasse;
quem havia de cuidar
que de mim eu me guardasse?
Não me guardei como devo,
de vir ter a o que vim,
que já não vejo periguo
pera mim maior que mim.

V

OUTRA

Senhora, pois por vos vêr
assi me desconheci,
não me queiraes vós fazer
o que por vós fiz a mi.

Todo este tempo té'gora
em que me a mim bem não ia,
não me matava. senhora,
senão porque vos não via;

agora, vindo-vos vêr,
desconhecerdes-me assi,
acabo já de saber
que não ha bem pera mi!

VI

OUTRA

Quem me vos levou, senhora,
tam longes terras morar?
Olhos que vos viram ir
nunqua vos verão tornar.

Milhor me fôreis quebrados,
olhos, que, n'esta partida,
vêrdes-me tirar a vida
e ficarem-me os cuidados!
Coitados olhos, coitados,
nascidos pera chorar,
olhos já fontes tornados
em que me hei-de alagar.

Concertou-se esta mudança
co'a pouca ventura minha;
esperança até qui tinha,
agora perco esperança.
Perde-se o que se alcança,
louvado seja o pesar,
que até na desesperança
me quis fazer singular.

VII

CANTIGA

Esta só rasão me ajuda
pera ter gram sofrimento :
saber certo que se muda
a fortuna como o vento.

Tenho já certo sabido,
— n'isto não ha deferença —
que o homem bem sofrido
nunca pode ser vencido,
nem ha cousa que não vença.
Quem do mal quer vencimento,
com paciencia se escuda,
porque tam presto se muda
a fortuna como o vento.

Nunca ninguem desespere
em quanto lhe a vida dura ;
na memória se tempere,
que o mal que então o fere
por tempo póde ter cura ;
finja algum contentamento,
desmaio de si sacuda,
porque tam presto se muda
a fortuna como o vento.

VIII

OUTRA

Não posso dormir as noites,
amor, não as posso dormir.

Dês'que meus olhos olharam
em vós, seu mal e seu bem,
se algum tempo repousaram,
já nenhum repouso têm ;
dias vão e noites vêm
sem vos vêr nem vos ouvir ;
como as poderei dormir ?

Meu pensamento, occupado
na causa do seu pensar,
acorda sempre o cuidado
pera nunca descuidar ;
as noites do repousar
dias são, ao meu sentir,
— noites do meu não dormir.

Todo o bem é já passado
— e passado em mal presente
o sentido desvelado,
o coração descontente ;
o juízo, que isto sente
como se deve sentir,
pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo
c'os olhos do coração,
não me deito sem desejo
nem me erguo sem paixão ;
os dias sem vos ver vão,
as noites sem vos ouvir,
eu as não posso dormir.

Buscarei remédio algum ;
mas onde o irei buscar ?
que ahí não havia mais que um,
que me levou o pesar.
Tudo me fôram levar ;
ficou-me só o sentir
pera não poder dormir.

Os meus cuidados creceram,
as esperanças minguaram ;
prazeres adormeceram,
os pesares acordaram ;
ao bem os olhos cegaram,
ao mal os fôram abrir :
nunca mais pude dormir.

IX

CANTIGA

Senhora, pois não deixaes
a minha vida viver,
já agora não peço mais
que deixardel-a morrer.

Porque moura cada hora,
não me acabaes de matar,
e, por me mais magoar,
quando me mataes, senhora,
não daes á morte lugar;
a vida vós a mataes,
pois a não deixaes viver;
assi que não peço mais
que deixardel-a morrer.

X

OUTRA

Partido fiz com meus olhos
que vos não quisessem vêr;
não m'o poderam manter.

Com êles me concertei,
a vos não ver se obrigaram;
o que com êles fiquei,
por certo mal o guardaram;
feito o partido cegaram,
não vos vendo, por vos vêr,
não m'o poderam manter.

Como a vista foi vedada,
vi mil mortes contra a vida,
porque a cousa defendida
é loguo mais desejada;

fui-os tomar na cilada,
e acabei de conhecer
que morreram por vos vêr.

Consentiram no partido,
mas foi tudo vaidade,
que depois de prometido
mudaram loguo a vontade.
Já sei d'êles a verdade,
que nunca me hão de manter
partido de vos não vêr.

Pul-os em outro lugar,
pera mudar a tenção,
mas eu logo os fui tomar
com este furto na mão.
Consentiu o coração
que vos não quisessem vêr;
não o puderam manter.

XI

CANTIGA

Ventura sempre no mal
e no bem tam pouca dura,
que não se chame ventura.

Mudei terra e natureza,
esperando mudar mais;
então cresceram meus ais
cheos de tanta aspereza.
Nunca se viu, bem olhado,
estremo tam desigual:
em pesares estremado,
ventura sempre no mal.

Busquei por terras extranhas
lugares de soydade
por desviar a vontade
de suas dores tamanhas.
Nada podem valer manhas
a quem no mal tem ventura
e no bem tam pouca dura.

Nunca me desenganei
na mudança dos logares
senão agora, que achei
que não mudei os pesares;
antes crecem a milhares,
e o bem de tam pouca dura
que não se chame ventura.

XII

ESPARSA

Nada quero, tudo engeito,
o maior bem me aborrece,
o prazer me entristece,
e o viver, porque é sogeito
a quem d'elle assi se esquece;
se mouro, acaba o mal,
(fim não a queria ver);
se vivo, o padecer
d'esta dor é tam mortal,
que me não posso valer.

XIII

OUTRA

Casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Nunca cessa a fantesia
nem afrouxa o pensamento;
se espero algum bom dia,
entam crece meu tormento,
e por mais me magoar
não crêdes minha vontade;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Quando cuido que acabaes,
sinto, no que vejo em mim,
que de novo começaes
uns cabos que não têm fim;
eu o não tenho em amar
sem vida e sem liberdade;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Se vos eu vira casada
com quem vos bem conhecera,
já em vos vêr descansada
algum descanso tivera;
mas o vosso máo casar
dobra minha saudade;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Como vos tam mal casastes,
logo eu com mal andei;
como tam mal acertastes,
com nenhum bem acertei,
e por tam mal acertar
perdi vida e liberdade;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Pera sempre vos casastes,
para sempre o sentirei;
e, pois no casar errastes,
dae-me parte do que errei;
não vos engane o casar,
pois não tolhe liberdade;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

Se me ás vezes respondeis,
vosso *Não posso é Não quero* ;
o que quero, não quereis,
assi que já desespero,
desespero de alcançar
o que quer minha vontade ;
casada sem piedade,
vosso amor me hade matar.

XIV

ESPARSA

Solteira fôreis, senhora,
vira-vos viver contente ;
ainda que o eu não fôra,
fôra eu só o descontente.
Mas vêr-vos mal empregada !
triste de vós e de mi !
de vós, por serdes casada,
e de mim, por que vos vi.

RESPONDE ÉLA :

Ó enganoso casar !
Ó casar cheo de enganoso !
Se eu tal pudera cuidar,
solteira fôra mil anos ;
mas fui, triste, enganada.
Com enganoso me perdi !
Inda me eu vêja vingada
de quem se vingou de mi.

D'OUTREM :

Se á do mundo casáreis,
já que o não sois á vossa,
eu penára e vós penáreis,
fôra igual a minha e a vossa ;
mas o vosso máo casar
roubou minha liberdade ;
se não usaes piedade,
vosso amor me hade matar.

Para quem tam malcontente
está de tal casamento,
não era ao mundo nẽ á gente
em tirar-me de tormento.
Não me queiraes maltratar,
pois sois certa de vontade,
que, se usaes crueldade,
vosso amor me hade matar.

DE UMA PESSOA A OUTRA :

Se vós viveis em tristeza,
eu vivo vida penada ;
se choraes ser mal casada,
eu choro vossa crueza.
Olhae minha fé em amar,
tratae-me com piedade,
que, se usaes crueldade,
vosso amor me hade matar.

Baste o mal que me fazeis
em vos vêr tam descontente ;
o vosso minha alma o sente,
o meu nem vêr o quereis.

Não me queiraes acabar,
pois vos dei a liberdade,
que, se sois sem piedade,
vosso amor me hade matar.

XV

CANTIGA

Quero tanto a meu cuidado,
estimo tanto seu dano,
que quero ser enganado
e não quero desengano.

Quero seguir a feição,
com que engane o desejo ;
não quero já vêr resão,
se a quero, não na vejo.
Assi quero a meu cuidado,
quero-o com seu engano,
porque em ser desenganado
o terei por mór engano.

Antes do mal ser mortal,
bem queria a meu cuidado ;
já'gora quero-lhe mal
por me ter em tal estado.
Tem-me o mal em tal estado
que de não sentir meu dano
folguo com ser enganado
e não quero desengano.

Se meus cuidados perdesse,
meus tormentos perderia;
se já d'elles me esquecesse
de mim lembrança teria.
O' quem d'elles se esquecera
ou esquecer esperara!
Ditoso quem os perdera,
pois, perdendo-os, se cobrara!

XVI

CANTIGA

Em desconto do meu mal
não queria maior bem;
que não m'o saber ninguém.

Do mal, que meu mal me desse,
menos pena sentiria
quando seguro estivesse
que meu mal ninguém sabia;
consolação me seria,
pera mal seria bem
o não m'o saber ninguém.

XVII

OUTRA

Espalhei a fantasia
pera não poder cuidar;
não a ousou de ajuntar
pelo mal que me fazia.

Via-me tam enleado
de cuidados cada dia,
que vi bem que me compria
pôr em mim melhor recado.

Por lh'o poder atalhar,
espalhei a fantasia;
não a ousou de ajuntar
pelo mal que me fazia.

XVIII

CANTIGA

Pois tudo tam pouco dura
como o passado prazer,
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

Acaba-se com a vida
juntamente o mal e o bem,
e quem maior dita tem
tem mais penada partida ;
e pois é cousa segura
que tudo fim hade haver,
isso me dá ter ventura,
como deixal-a de ter.

Nunca vi contentamento
durar em nenhum estado,
e vi dar muito tormento
lembrança do bem passado ;
pois magôa e pouco dura
a refega do prazer,
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

É tam breve em si a vida,
que tudo lhe corresponde ;
o prazer se nos esconde
ou tem breve despedida ;
e pois são de pouca dura
a vida e o prazer ;
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

A tristeza e o tormento
sempre vi em mim sobejo,
e não vi contentamento
que não viesse a desejo ;
como a vida não é segura,
e dura pouco o prazer,
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

Toda a descrição consiste
em saber homem com cedo
que nenhum prazer faz ledô,
pois o sêr da vida é triste;
se a vida não é segura
e os gostos não têm sêr,
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

Estilo da natureza
é prazer vir de passada,
e o pesar e a tristeza
fazer comnosco morada;
e pois tam pouco segura
é a vida e o prazer,
isso me dá ter ventura
como deixal-a de ter.

XIX

ESPARSA

Pelos prazeres passados
desconfio dos presentes,
porque nunca vi contentes
senão os desconfiados;
o que por menos segura
tem a vida e o prazer,
tem o tempo e a ventura
sojeitos a seu querer.

Nunca pus minha firmeza
em nenhum prazer mundano,
porque a própria natureza
dá de si o desengano;
e quem por menos segura
tem a vida e o prazer,
tem mais sogeita a ventura
pera tudo o que quiser.

XX

CANTIGA

Se m'as daes pera contar
de meus males algum ponto,
não se pode contas dar
de contas que não têm conto.

As contas que são de bem,
que de vossa mão vieram,
estas conto e cabo tem;
as do mal nunca o tiveram;
nem eu presumo contar
taes contas, que não têm conto,
porque se não póde achar
n'ellas cabo nem desconto.

Eu conto, mas nunca acabo
as contas do meu tormento
Pollas que teem cabo
sem fim no merecimento;

e pois não posso contar
nas vossas o menor ponto,
mui vão será contas dar
das minhas, que não têm conto.

XXI

CANTIGA

Enganosas esperanças,
pois sem resão vos tomei,
com ella vos deixarei.

Tomei-vos por um engano
d'alguma côr ajudado ;
trouxestes-me assi enganado
um anno após outro anno.
Tudo foi pera mais dano,
pois não vi o que esperei,
e vêjo o que arreceei.

Quando vos tomei em vão
com errado pensamento,
falsas éreis e de vento ;
não vos conheci então.
Pois vos tomei sem resão,
com ella vos deixarei,
já nunca esperarei.

XXII

CÂNTIGA

Quem vos visse e não cegasse,
assás de cego seria ;
quem perdido não ficasse.
quam perdido ficaria !

Pera poder escapar
d'este cegar ou perder,
o remédio é não vos vêr,
ou não vos saber oulhar.
Mas quem assim escapasse,
quam perdido ficaria !
quem vos visse e não cegasse,
senhora, quam mal veria !

XXIII

OUTRA

Mal empregada, senhora,
sejaes vós em quem vos tem !
a minha alma por vós pena,
e a vossa não sei por quem.

Se vos eu vira empregada
como razão requeria,
minha alma se contentara,
padecera a pena minha.

Frol das frores escolhida,
esperança de meu bem,
a minha alma por vós pena,
e a vossa não sei por quem.

Deixastes-me triste, só,
no lugar d'onde vos vi,
de que houvéreis de haver dó,
já que o não tínheis de mi.
A minha alma se consola
de perder tamanho bem ;
tam mal empregada agora,
quam bem no é quem vos tem !

XXIV

OUTRA

Não passeis vós, cavalleiro,
tantas vezes por aqui,
que abaixarei meus olhos,
jurarei que vos não vi.

Se me quereis de verdade,
não o deis a entender;
folgae muito de me vêr
dentro na vossa vontade;
merecei-me em soydade;
mas, se passaes por aqui,
pois não tenho liberdade,
jurarei que vos não vi.

Quem tanto mal por vós sente,
não lhe deveis causar mais,
e, pois em minha alma estaes,
não deis que falar á gente;
Inda que estejaes ausente,
sempre vos vêjo em mim.
mas, se mais vos vir presente,
jurarei que vos não vi.

XXV

CANTIGA

Não vive quem vos não viu,
nem creio que póde ser
vêr-vos e poder viver.

Quem na vida consentiu
sabendo serdes nascida,
não crea que teve vida,
se na vida vos não viu;
e porém quem descobriu,
senhora, poder-vos vêr,
não será pera morrer?

E sabeis como isto sei?
porque, depois que vos vi,
eu creio que não vivi,
nem aguora viverei;
ora sei o que ganhei,
que havia de morrer
e ficava sem vos vêr.

Quem n'esta vida viveu,
sem vos vêr, não teve vida ;
quem vos viu, tem-na perdida,
quem vos não viu, mais perdeu ;
mas, o que se atreveu
vêr-vos pera se perder,
não houvera de morrer.

XXVI

AL.

Olhos que vão ou que vêm,
queria que mais não vissem,
e com isso me fugissem
para mais não vêr ninguém.

E d'aqui se vem, senhora,
mais longe do que cuidaes,
onde já não verão mais
pelo que viram agora :
Pois viram tamanho bem,
queria que mais não vissem,
queria que me fugissem
para mais não vêr ninguém.

XXVII

OUTRA

Acabae, acabae já,
meus cuidados, onde estaes!
Pera que é cuidardes mais?

Descuidar é a verdade,
pois cuidar não aproveita;
mas a vontade sojeita
não tem essa liberdade.
Desviando a vontade,
cuidados, se em vós estaes,
deixareis o que cuidaes.

XXVIII

DO MESMO

Como ahi houve bons olhos,
houve-os máos pera mim,
pera me vêrem assim.

É o mal dos bons melhor
que dos máos o maior bem.
Os bons dão-me desfavor,
porque muito favor têm;
os máos a mim não m'o dêem,
que dos bons, que vos eu vi,
o mal quero para mi.

XXIX

OUTRA

Não sabe quam bem parece
o que é um grande bem,
pera aquelles que a vêem.

Se de tamanha verdade
já tivesse o desengano,
não vos veria no anno
uma vez por piadade;
que seria crueldade
pera aquelles que a vêem,
pois que não têm outro bem.

XXX

*A uma senhora a quem dixe uma verdade que ella
não quisera*

A verdade me matou;
o mentir me dera a vida,
se já não fôra perdida.

Um contrairo outro cura;
eu com elle me curara;
pode ser que me matara,
mas tudo fôra ventura.

Ora o que se me afigura
que me pode dar a vida,
minha alma não no duvida.

A verdade embuscada
não ousa já parecer ;
do risco que pode ter,
guarde Deus nossa pousada ;
não aproveita já nada,
antes faz perder a vida ;
assi a tenho perdida.

XXXI

OUTRA

Perdi a vista no mar
indo meus olhos trás ella ;
correu mais o desejar
que a não que vae á vela.

Assi que d'ella perdido
fico tal que a não vêjo ;
agora tenho sabido
que corre mais o desejo.
Dês'que a perdi no mar,
cégo na terra por ella ;
desesperado de vêl-a,
que posso já esperar ?

XXXII

OUTRA

Não me sei desesperar,
e, inda que tenha rasão,
não m'o quer o coração.

Não poderia viver
uma hora sem esperança ;
esta muita confiança
vem de muito merecer ;
não a queria perder,
que fazia ao coração
muito grande sem-rasão.

XXXIII

OUTRA

Menina, pois sois fermosa,
não sejaes despiadosa!

Que não parece razão,
tendo tanta perfeição,
que tenhaes a condição
tam esquiva e desdenhosa;
não sejaes despiadosa.

Por vós, de mim esquecido,
ando tam triste e perdido,
que tomara por partido
não vos vêr ser tam fermosa;
vira-vos mais piadosa.

Não sei já como vos veja,
que pera meu mal não seja;
se rides, mataes de inveja;
se, por caso, estaes irosa,
sois muito mais perigosa.

XXXIV

OUTRA

Cuidados, se descuidaes,
fazeis bem,
que aqui tendes quem os tem.

Isto só me falecia
a cabo de todo ter;
pera me poder valer
gram cuidado me compria;
um descuido d'um só dia,
que se os meus cuidados deem,
ficarão sem quem os tem.

XXXV

OUTRA

A cabo de tantos annos,
quando cuidei descansar
em galardão de meus danos,
querem-me desenganar.
Pude com meu mal 'té 'qui,
de meu engano ajudado;
agora, triste de mi,
que farei, desenganado?

Se lembranças me deixaram,
pudera eu meu mal deixar,
se cousas se não mudaram,
descanso fôra cuidar.
Pois tudo se muda assi,
e eu não sei ser sô mudado,
tamanha pêrda perdi
em perder-se-me o cuidado!

Fico assi esperando a fim
que meu mal me quiser dar,
que passou já para mim
todo o tempo de folgar.
Mas, pois assi foi servida
quem m'o só pode ter dado,
esperar mais n'esta vida
pera mim é escusado.

Minhas justas esperanças
derramou-m'as um pesar;
eu não cuido nas mudanças,
cansado estou de cuidar.
N'este mal tam sem conforto,
d'isto só sou consolado:
que muito ha que sou morto
da parte de meu cuidado.

XXXVI

OUTRA

Todo o bem dura um momento.
o mal é de todo anno;
por breve contentamento,
grande tempo grande engano.
Foi-se o engano e deixou
o mal da vida que sigo;
assi que quem me matou
trago eu sempre comigo.

Um cuidado que eu prantei
de que agora colho o dano!
tudo o que tinha empreguei,
e levou-m'o um desengano;
e, porque do meu tormento,
mais que de mim, fui amigo,
por salvar um pensamento
fiquei eu só no perigo.

XXXVII

ESPARSA

Tudo seu tempo ha de ter;
que vos pese de meu dano,
não pode deixar de ser
pelo tempo e pelo anno.
Senhora, olhae se me engano!
Camanho engano seria,
pois vos quero de maneira
que não pode vir este dia
tam cedo como eu queria,
nem tam tarde que o não queira!

XXXVIII

OUTRA

D'onde hei meu mal de pôr?
Cuidados, que eu fui tomar,
quereis-me ora deixar.

Tudo foi, parece, engano,
e eu fui o enganado;
acabado é este dano
n'outro maior começado.

Cuidados de outro cuidado,
se vindes a me acabar,
cedo havereis de tornar.

Por umas vans esperanças,
em que eu já tanto esperei,
vi depois tantas mudanças,
que a meu mal conto não sei.
Cuidados que eu não cuidei,
dizei-me se hei de cuidar
que haveis também de acabar.

XXXIX

OUTRA

Cuidados, assi vos quero;
que sejaes desesperados,
quero-vos pera cuidados.

Tempo foi, que nunca fôra,
quando com outra esperança
toda minha confiança
pus em vós só por uma hora.
Muito mais vos quero agora,
porque sois desesperados;
quero-vos para cuidados.

Não vos quero por vanglória
de ter-vos, ainda que a tenho
comigo, que só vos tenho,
de mi a mim só faço historia;

pus-vos na minha memoria,
d'onde nunca outros cuidados
fôram tam desesperados.

Cuidados, assi vos quero,
o que tenho dou a vós sós;
desesperados sois vós,
eu sou o que desespero;
vinde, que assi vos espero,
quanto mais desesperadô,
quero-vos pera cuidados.

XL

OUTRA

Mandaes que deixe cuidados,
senhora; mas, se os tomei
por vós, como os deixarei?

Sobre mim, dê's'que vos vi,
não me ficou mais poder;
se mandaes, torna-me a mi,
e verei se pode ser;
ainda que, se em meu querer
ha de ficar, eu não sei
de vós para onde me irei.

RASÃO DO TEXTO PRESENTE

I

TROVAS DE CHRISFAL

O conhecimento d'esta edição *sem data*, do seculo XVI torna-se essencial para o estudo biographico de Christovam Falcão, porque as *Trovas* foram publicadas antes do casamento da sua namorada, e por nos manifestarem a influencia que a Egloga mais apaixonada de Bernardim Ribeiro exerceu no espirito e na revelação do joven poeta. Quando Bernardim Ribeiro estava pela sua decepção amorosa cahido pela depressão mental em um estado de inconsciencia, appareceu publicado em Lisboa em 1536 um folheto avulso in-4.º, em typo pandecta, a trez columnas, que era o quadro pathetico e empolgante da paixão por Aonia: *Trovas de dois Pastores*, sc. Silvestre e Amador. Só passados vinte e um annos, ao imprimirem em Evora a Novella e poesias de Bernardim Ribeiro, é que appareceram estas *Trovas* sob o titulo de Egloga III, com uma versão alterada e com numerosas estrophes omittidas. Por occasião da decepção amorosa de Chistovam Falcão, é que a sua alma recebeu em cheio a impressão das *Trovas de dois Pastores*, compondo depois de 1536, na mesma forma e na realidade de um sentimento profundo as *Trovas de Chrisfal*. Como determinar a data aproximada da sua publicação? Primeiramente comparando os caracteres typographicos das Trovas dos dois poetas: a vinheta do *Pastor*, de 1536, é a mesma do *Chrisfal* sem data, como tambem a vinheta da *Pastora* apparece na *Tragedia dos amores de Eneas*, sob o nome de Ana, de 1536. Divergem os typos; o texto de Bernardim Ribeiro é em pandecta, e o de Chrisfal em interduo semigotico, em 10 folhas a duas columnas, podendo-se considerar a sua publicação anterior a 1546, porque na Carta de Camões, escripta de Ceuta acham-se bastantes

versos do *Chrisfal* intercalados na prosa epistolar já com intenção aphoristica. A falta de frontispicio leva á inferencia de que as *Trovas de Chrisfal* fôram subrepticamente impressas, achando-se Christovam Falcão ausente ou na Italia em 1543 ou na capitania de Arguim em 1546-48. Uma estrophe supprimida allude a varios noivos que excusaram as propostas da familia de Maria; isto coadjuva a fixação da data em que se imprimiu o *Chrisfal*.

Conhecido o unico exemplar, que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, era de extrema importancia a vulgarisação d'este texto, para pelas variantes ultteriores vêr como Christovam Falcão retocou directamente a sua obra conhecida pela edição de Ferrara de 1554, sc. (já citada com o titulo primitivo por Diogo de Couto, referindo-se a Christovam Falcão como auctor das antigas «nomeadas *Trovas de Chrisfal*, e no texto de Ferrara, huma nomeada e agradavel *Egloga* chamada *Chrisfal*, que dizem ser de Christovam Falcão). Devem conservar-se os dois titulos *Trovas* e *Egloga*, para designar-se cada uma das fontes para o estudo litterario e bibliographico d'esta obra prima, desafogando-a das farfalhadas grammatologicas.

Tomando como fundamental e por primeiro esboço as *Trovas de Chrisfal*, é do maximo interesse ter presente as variantes da *Egloga de Chrisfal* de 1554, impressa em Ferrara por Judeus portuguezes, que se reproduziu em 1559 em Colonia, contendo outras composições lyricas formando um pequeno Cancioneiro.

Variantes da Egloga Chrisfal:

- Pag. 65: A ella chamavam Maria, v. 4
 » 66: de guardar melhor que o gado, v. 8
 Que depois de assim viver, v. 11
 » 67: inquiriram que teria, v. 6
 e do amor não curaram
 » » (na 2.^a st. os dois primeiros versos trans-
 postos).
 » » em valle muy sollitan v. 26
 sombrio e saudoso,
 » 68: bem o sei pelo passar, v. 2
 » 69: D'estes pelo meu pecado v. 26
 » 70: dê-se-me a culpa assim, v. 7

Pag. 71: meu alongado prazer v. 4

» 72: que ho meu mal pedem dizer. v. 5

» » pera o prazer sou morto v. 14
e vivo para o pesar.

(*Na 3.^a st. transpostos os primeiros dois versos*) 21:22

» » entrando meu chorar n'ella v. 29
e pois ajudam meu choro.

» 73: antre pesar e pesar v. 13

» 74: E crendo que aproveitasse v. 1
se eu com ella sonhasse v. 3

» » E como consado estava v. 6

» » e os valles e a serra v. 24

» 75: Depois de me ser mostrado, v. 1
á terra mais abaixado, v. 3
sonhava que era levado v. 5
por que amor tudo despreza v. 18
estar Natonio vi v. 22

d'estes assar differente, v. 24

que já veio aqui buscar-me v. 27

nom mais que per consolar-me

e vi-o com tanta dor

que dor me dá o lembrar-me.

» 76: estava comigo só v. 2

ao modo pastoril

Em huã frauta tangendo, v. 6

Natonio, tenhas prazer, v. 22

té o da vista perder v. 24

em que seu e meu tormento, v. 29

» 77: que por não grados julgaram v. 18

» 78: Por mais minhas queixas váas v. 1

e assoviar o moucho

com o triste cantaar das rãas

se iam os prados deixando v. 7

» » Antre estas, só, saudosa, v. 21

como ali tem por uso v. 26

mas como que ia cuidando, v. 28

» 79: cantar canto de ledino v. 3

» » *a Menga la del boscal* v. 10

de pouco são esposada v. 19

quando me a lembrança vem v. 27

» 80: e vivera eu pobrementemente v. 7

mil vezes caio em mingua v. 12

logo, em sermos apartados v. 22

- Pag. 81: Pena me deu de não crêr v. 11
 mas estive fazendo guerra, v. 22
 vi-me levado da terra v. 24
 contra onde a tarde ante v. 29
- » 82: Indo nam com menos dor v. 1
 em que já com mais socego
 depois de passar Mondego v. 4
 sobre as serras de Lor
 Vão alli grandes montanhas
 todas de souts cobertas
 mas á saudade certas. v. 10
- » » sendo bom lugar de gosto v. 14
 que n'isto o magoado v. 19
 he como o muito doente
 mui quieto e mui quedo v. 24
 como saudade escolha v. 27
 e porque mais prazer colha v. 28
- » 83: tendo só por verdadeiro v. 7
 alli a noite em clamores v. 12
 o diluculo chamamos v. 15
 a ave que chamão real v. 17
 Então porque toda fale v. 21
 tras este, pouco tardando v. 26
- » 85: des'que o cantado teve v. 5
 a voz de novo alcançou v. 11
 nunca a pude dormir v. 20
 As horas d'ella cuidei, v. 25
 dormil-as; foram veladas;
- » 86: feminil a meu cuidar v. 12
 que por mais de bem cantar v. 14
 desejava eu de ver v. 23
 N'este desejo de cima v. 25
 vi-a vir o valle acima v. 28
- » 87: ao tom d'ellas medidas v. 8
 uma talhinha pedrada v. 14
 que indo pera me erguer v. 16
 vêde se tenho rezão v. 30
- » 88: que se pozcsse em fuga v. 9
- » 89: Chrisfal, que vês tu em mim. v. 4
 faz-me assim temer meu dano v. 8
 que vejo meu olhar vêr-vos v. 9
 ainda que alegre não v. 13
 onde a se me perderem v. 26
- » 90: como quem em si respeita v. 2
 dizer assi começou v. 5

- Pag. 90: Eu lhe perguntei a hora v. 11
Dir'-t'o-hei, em que erro seja v. 18
defendem-me meus parentes v. 19
por que lh'o tenho jurado v. 23
o que eu hei por gram crueza v. 28
- » 91: que me lembra que lhe dei, v. 10
pois que vos tanto mudou. v. 20
como a sombra, emquanto eu fôr v. 28
- » 92: que de riquezas soubesse v. 7
ser esquecida e extranha v. 17
- » 93: pode ser a este fim v. 5
Nas cousas passadas nossas v. 8
vós, que não riquezas vossas v. 10
E dizem que eu moça era, v. 21
como tempo de crescer v. 23
- » 94: (*Decima omitida nas demais edições.*) 11
como o que me a mim compria. v. 30
- » 95: Em lhe isto eu ouvindo v. 6
Dei-lhe uma voz mui dorida v. 11
Porque me negaes conforto
- » 96: Então ella ali chorosa v. 6
que o mentir é diferente v. 17
- » 97: Sabe Deus que eu bem quizerá v. 29
- » 98: que em que cem olhos tivera v. 6
da vaca lo guardador v. 10
como as de muito pesar v. 14
e que eu velando vi v. 17
- » 99: que ainda então crecia v. 5
não sabe certo ninguem v. 7.

CARTA (estando prezo)

Ao idyllo doloroso das duas crianças deliciosamente narrado nas *Trovas do Pastor Chrisfal*, veio a *Carta*, publicada em sequencia da Egloga em Ferrara em 1554, revelar-nos que o ingenuo namorado estivera prezo cinco annos por motivo d'essa aventura. Seu pae, o austero capitão da Mina, João Vaz de Almada Falcão, era bastante severo e podia manter o filho em carcere privado; mas foi mais longe, submetteu-o ao regimen presidiario, tendo-o prezo no Castello de Lisboa. A noticia contida na *Carta* era esclarecida pela rubrica que a encima, cujo valor não comprehendido levou estólidamente a supprimil-a. Assim se perderia esse traço historico, se não viesse authentical-o um documento irrefragavel.

Estando Christovam Falcão em Roma, em dezembro de 1542, em casa de seu primo-coirmão o Marquez de Aguilar, embaixador de Carlos v, dirigiu este uma carta a João Vaz de Almada para ser-lhe entregue por mão de D. João III. Cumpriu este encargo Francisco Botelho, que em carta de 26 de Dezembro de 1542, assim escrevia ao rei: «O Marquez de Aguilar me deu essa Carta, que com esta mando para V. A., que é sobre João Vaz de Almada, e disse-me que era seu primo coirmão. . . que traz em sua casa um filho que lá esteve prezo no Castello, e trata-o como parente, que por certo elle me parece homem muy de bem.» (*Corpo Diplomatico*, t. v, p. 71.)

Vê-se por esta carta que o facto da prisão do namorado de Maria era recente e conhecido pelo monarcha; e deduz-se o intuito de fazer apresentar a carta do Marquez de Aguilar por mão de D. João III a João Vaz de Almada, visando a aplacar-lhe a inflexivel auctoridade paterna. O Marquez de Aguilar, D. Luiz Fernandez Manrique, quarto d'esse titulo, andava tambem apaixonado, casando em 1546 com D. Anna

de Mendonça y Aragão; elle bem sabia, de accôrdo com D. João III, que os delictos de amor são faceis de perdoar. ⁽¹⁾ Pela convivencia no palacio do embaixador, Christovam Falcão teve aproximações com eruditos e humanistas italianos, o que explica porque em *Ferrara* se imprimiu a Collecção das suas poesias. Por este fio sômos levados á plausivel inferencia que o judeu portuguez Diogo Pires (Jacob Flavio ou Diogo Pinho), achando-se em Roma, em 1543, obtivera communicação d'essas composições amorosas, que foram agrupadas com as ainda ineditas de Bernardim Ribeiro.

Importa conhecer de mais perto Diogo Pires; era um poeta latinista, medico e cunhado do celebrado Amato Lusitano (João Rodrigues de Castello Branco), tendo nascido em Evora-Cidade em 1517 e abandonado a patria por causa das perseguições religiosas, aos dezesete annos de idade: *Dulcia rura relinquimus anno 1533*. Nas noticias que d'elle nos dá Frei Fortunato de S. Boaventura (*Subsidios para a Historia litteraria*, p. 144), frequentou as escholas de Salamanca, esteve em Liege «d'onde não tardou a passar á Italia, onde se estabeleceu por muitos annos, especialmente em *Ferrara*, e ali ligou amisade com italianos doutissimos.» Cultivou a *poesia amorosa* latina, imitando Catulo. A sua saudade pelo torrão portuguez, a que chamou *dulcia rura*, levava-o a apreciar a poesia quinhentista portugueza então completamente inedita. Quem em *Ferrara* em 1554 occuparia os prelos da typographia de judeus portuguezes senão este humanista seu correligionario? Só elle, que estivera em Roma em 1543, quando ali se achava Christovam Falcão podia publicar o volume da *Novella da Menina e Moça*, fragmentaria, com a nomeada Egloga de *Chrisfal*, desvendando-lhe o auctor, «que dizem ser de Christovam Falcão, ho que parece alludir o nome da mesma Egloga.»

Esta edição de *Ferrara* foi miseravelmente em 1559 reproduzida em Colonia por exploração de Birckman, a quem Epiphanio confere importancia philologica, sem notar que é uma deturpação fraudulenta da edição judaica de 1554. Na edição de Colonia, o typographo allemão conservou o verso—*Cantar canto de ledino*, differente da edição de Lisboa (est. 42). Quando em 1871 reproduzimos esta edição de Colonia, mantivemos essa leitura, justificando-a como uma antiga fórmula poetica, tal como a do *Solão*. Os philologos que estacionaram na

(1) Este Marquez de Aguilar foi Chanceler-mór de Castella, e faleceu em 8 de Outubro de 1585. Vê-se que era de idade aproximada á do poeta.

phonetica, lêram canto *de ledino* modificando a graphia em *d'elle dino*; Epiphanio seguiu-os: «É certamente o exemplo mais notavel, por isso que tal erro deu logar a que o dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escriptura do texto, acreditasse que a nossa litteratura possuia uns *cantos de ledino, que nunca existirão senão na fantasia d'este professor.*» (Ed. 1893, p. 102.) Não são de nossa phantasia os Cantos da poetica trobadoresca portugueza, cap. ix, «em os que troban dois homens et que chamam *seguir*... por seguir cada um outra Cantiga e sam en prazer ou en *ledo*.» Sá de Miranda diz que outr'ora *cantara em ledó* (p. 101. ed. Mich.) Aqui pode-se entender a expressão *musical*, que se identifica com a linguagem vulgar chamada *ladina*. Nas Synagogas peninsulares os cantos hebraicos eram-no pelas melodias populares mais conhecidas, apontadas á margem, como *Tres colores, La Manzanica* e outras *em ladino*. Os Judeus, como observa Soriano Fuertes, adoptaram as *linhas* dos gallegos e portuguezes formando um systema de notação, a que no seculo XII se chamava *musica quadrata* ou *mensurata*. Assim como os velhos *Solãos*, de que falla Sá de Miranda, se cantavam pela nota musical *Sélah*, cujo valor se perdeu, como observa Reuss, tambem o *Cantar ladino* das Sinagogas judaicas veio identificar-se com os cantares *em ledó*. É tão natural esta homologação; e sobretudo sabendo que o texto do *Chrisfal* foi transcripto e impresso por um humanista judeu portuguez. Estes dados não são erros da phantasia.

*Variantes da CARTA na edição de Colonia de 1559
ao texto de 1554 de Ferrara*

Verso:

- 6—A quem por meu bem conheço
- 8—e como a quem vos não vê
- 11—pois, sem pecar, penitencia
- 14—já não veem, já estão mortaes
- 15—mas para que era ver mais
- 19—que estou prezo ha cinco anos
- 27—fosse pera ver isto
- 30—não nasci em vão, senhora
- que a vida é de uma hora
- e este bem é eterno
- 34—nunca me verão diviso

Versos :

- 39—inda que fora rezão
46—pera se nam ter em muito
 e pouco bom é o fruito
53—para me os meus tirar
57—e primeiro de meu mal
61—porque não vejo resposta
65—que já entre nós posemos!
76—pois entre ella e o amor
 qual é mais pera estimar.
93—Com uma fé tam contente
 como no tempo melhor
100—vossos, e olhos formosos
106—para haver por galardão
108—para resposta das quaes.

CANTIGAS, VOLTAS E ESPARSAS

Na última estrofe do *Chrisfal* revela o poeta que escrevera outras composições no mesmo estylo amoroso; e não era crível que a paixão que inspirou essa primorosa Egloga emudecesse depois de tantos desenganos.

Isto que Chrisfal dezia
assí como o cantava
uma ninfa o escrevia
a'um alemo que ali estava
que inda entam crecia.

Eu o traladei d'ali
d'onde mais estava escrito,
que aquí mais escrevi,
porque em mal infinito
não se pode dar a fim (1).

(1) Na vida palaciana era frequente escreverem os poetas em folhas de hera e embeberem nas mesmas versos amorosos. Camões allude a esse costume no *Ilíademo*, e Pedro de Andrade Caminha colligiu muitos desses versos que compozera.

Cortado em arvores

N'um toito onde vejo a vida,
Me ameaça sempre a morte.

(Ed. Priebech, p. 492).

Outro

Morta verdade me' vida
Me faz contra mim crer muito.

Cortadas em arvores

Não parece novidade
Ter tristeza com tal vida.

E no indice, declara apoz a *Carta do dito: E outras cousas que lendo se puderam aproveitar.* (Fl. 153 a 171.) Eram 47 composições anonymas, *do dito* (Christovam Falcão.) A phrase que *se puderam aproveitar*, quer dizer, uns cadernos contendo poesias cheias de emendas ou incompletas, com transcripções de diversas proveniencias. Isto se verifica, porque duas d'essas cantigas pertencem a Sá de Miranda:

— Coitado, quem me dirá
— Commigo me desavim.

E tambem em nome de Bernardim Ribeiro sete Cantigas,

Mas é novidade estranha
Ter vida com tal tristeza.

Outro

Traz-me sempre a saudade
Occupado em pcnsamentos
Com que a vida já não pode,
Porque são todos contra ella.

Outro

D'ũa alegre fermosura
Me naceu minhas tristezas,
E d'uma estranha brandura
Sente a alma mil asperezas.

(Ib. p. 493).

Escritas em folha d'hera

O que era sou e serei
Dei amor, e inda mais dera
Se mais que amor dar pudera,
Mas dando amor tudo dei.

Outro

Não sinto a meu mal remedio
Se não em quem m'o causou.

(Ib. p. 495).

Em uma arvore

Uma vida, que em triztezas
Uma sem-razão consume
Uma alma que desconfia
D'achar remedio a esse dano
Se achará alguma esperança
Da razão que não espera?

(Ib. p. 497).

todas conhecidas desde 1516, colligidas no *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende:

- Senhora, d'esse amarello
- Ante tasmantins mudança
- Ante mi n' mesmo e mim
- Montem paz-se o sol, a noite
- Para mim nasceu cuidado.

Eliminadas estas cantigas de Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro, que pelas suas variantes revelam proveniência avulsa, as restantes Canções, algumas extremamente bellas, são Esparsas ligeiras, laconicas, segundo o gosto recente derivado das *Espinelas* castelhanas postas em moda pelo auctor da novella picaresca *Marcos Obregon*, Vicente Espinel. De mais, não exprimem aquella hallucinação ardente de Bernardim Ribeiro, com aquella reflectida sensibilidade de Sá de Miranda; e conhecendo-se os lances passados entre as duas creanças separadas pela imposição abrupta de suas familias, uma orgulhosa da sua riqueza e a outra impiacavel com a nobreza dos seus pergaminhos, todas as situações descriptas só quadraram com as Cantigas, Voltas e Esparsas que deixou Christovam Falcão, longe de pensar que se podessem lêr e publicar. (1)

Quando em 1893, Epiphânio publicou a prova typographica emendada pelo exemplar de Colonia de 1559, conservado no Museu Britanico, deixou de parte as Cantigas como não pertencendo a Christovam Falcão, escrevendo: «Todavia nenhuma d'ellas apresenta caracteres, quanto aos pensamentos ou quanto á forma, pelos quaes haja de attribuir-se

(1) No *Hospital das Letras* descreve D. Francisco Manuel de Mello (p. 328) esta forma caracteristica: «tambem agora dizem *Decima*, que é medida e certa composição de versos de dez regras. Era antigamente, ao que chamavam *Esparsa*, que continham doze linhas e veio depois o famoso poeta castelhano Vicente Espinel e lhe tirou dois versos, reduzindo-as ao modo que ellas hoje guardam; por cuja razão n'aquelle tempo foram chamadas *Espinelas*; é propria, ou melhor hespanhol suave, amoroso, agudo engraçado, que só aos poetas castelhanos e portuguezes tem chegado, com que muito fazem suas obras e avantajam aos italianos e francezes, que ainda as não imitaram, suposto que nos pequenos escritos de Theophilo (de Vian) entendo que vá já alguns arremédos das nossas Decimas em Espinelas castelhanas.»

As formas litterarias fin g sua chronologia, para definirem epochas e auctores; Baist, pela forma dos *Laís* fixou a epocha de João Lobeira; pelas *Esparsas* reconhece-se que ella só distingue Christovam Falcão quando o envolvem com Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

ao nosso poeta.» (Ed. 1893, p. 12.) Não admira este juízo, porque pela biographia que faz do poeta vê-se que desconhecia o prospecto chronologico da vida de Christovam Falcão e a sua psychologia; e quanto ás fórmulas poeticas, alheio á historia litteraria, não distingue as *Espinelas*, que vieram substituir o gosto das Voltas e Esparsas empregadas por Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro no seu tempo. No volume IV da *Revista Lusitana* essas Cantigas, Voltas e Esparsas emendadas pelo texto do exemplar de Colonia, pertencente ao Museu britânico, valorisaram-se apenas como um simples Cançãoeiro do seculo XVI.

Christovam Falcão tinha os seus vinte e dois annos, quando conheceu a poesia fascinadora de Bernardim; pelo seu estado de alma e pela idade era natural a *imitação*: encontra-se essa impressão em muitos logares da Egloga e das Cantigas; podem reunir-se os paradigmas, e todos elles não deprimem o pastor Chrisfal, antes nos fazem assistir á idealisação da sua Maria, dando expressão esthetica immortal aos *cuidados desesperados* e ás lagrimas que ainda hoje *doces achamos*. Mas d'essa assimilação concluir pela transfusão de Christovam Falcão em Bernardim Ribeiro, e *apear Maria Brandão de heroína de Chrisfal*, é um criterio de amarrar as mãos na cabeça.

Sabe-se pelo Manuscripto da primeira parte da *Menina e Moça*, do Arcediago de Barroso, que lhe andavam apenas as duas primeiras Egoglas; por isso explica-se como esta passagem da Egloga I apparece imitada no *Chrisfal*:

Levado para outra terra,
Vende-se Persio sem ella,
Vencido de nova guerra,
Mandou a alma traz ella
E o corpo ficou na serra.

Refere-se a D. Isabel Freire, idolatrada por Sá de Miranda; agora no *Chrisfal*:

Então descontente d'isto,
Levaram-na a longes terras,
Esconderam-na antre as serras
Onde o sol não era visto
E a Chrisfal deixaram guerras.

A imitação tornava-se-lhe, pela realidade flagrante, natural e viva; o mosteiro de Lervão é situado em um valle sombrio cercado de serras.

Sobre as Serras de *Lor*
Vam ali grandes montanhas . . .^o

A Egloga III, na lição de 1536, *Dialogo de Dois Pastores*, a mais vehemente inspiração de Bernardim Ribeiro, tendo acordado o genio poetico de Christovam Falcão foi sempre com felicidade imitada. Impelliam-o a isso certa conformidade de circumstancias, como: «Dos bens do mundo abastado» verso da Egloga II de Bernardim e da estrophe 5.^a do *Christofal*; e «Antre Tejo e Odiana» nas duas composições.

IV

SEGUNDA PARTE DO SONHO DE CHRISFAL

As Trovas ou Eglogas do *Chrisfal* contêm sómente o *Sonho*, em que o poeta se encontra com Maria, quando ella está chorando no valle sombrio rodeado das Serras de Lor. Pelos elementos biographicos esses amores tiveram o seu desfecho: o casamento de D. Maria Brandão, seu falecimento e representação dos filhos na herança de João Brandão Sanches, avô d'estes.

O casamento e morte de Maria acham-se celebrados com singular belleza na *Segunda parte do Sonho de Chrisfal* que anda envolvida na *Silvia de Lisardo*, o que tem contribuido para perturbar a critica na sua apreciação. A *Silvia de Lisardo* appareceu anonymamente em 1597, tendo o impressor Alexandre de Siqueira *posto em ordem*, e *novamente impressas* varias rimas, sonetos, com a *Segunda parte do Sonho de Chrisfal*. Vê-se que é uma nova edição d'esse exemplar de 1571, que Innocencio descreve como tendo sido vendido no leilão da Livraria de Pereira da Costa.

Por este facto se reconhece que a affirmção de Manuel de Faria e Souza e repetida por D. Francisco Manuel de Mello no *Hospital das Lettras*, de ser Frei Bernardo de Brito o auctor da *Silvia de Lisardo*, é inadmissivel em absoluto pois nascendo em 20 de Agosto de 1569 contava em 1571 apenas dois annos. Professando na Ordem de Cistér em 1585, aos dezeseis annos seguiu estudos no Collegio da Abbadia, e já em 1597 pensava em obter uma mitra, que só podia ser concedida aos trinta annos. Para isto dava Frei Bernardo de Brito o anno de 1568 como o do seu nascimento, e assim quando em 1598 se acharia habil para o episcopado, ter-lhe-ia sido attribuida a materia do liyrinho anonymo da *Silvia de Lisardo*, de versos amorosos. É certo que Philippe II não quiz no-

meal-o bispo, encarregando-o de escrever a *Monarchia Lusitana*.

Excluído Fr. Bernardo de Brito, quem seria pois o auctor da *Silvia de Lisardo*, ou melhor da Segunda parte do *Sonho de Chrisfal*, que completa a historia dos amores de Christovam Falcão? A edição de 1571 indica-nos o proprio Christovam Falcão, que falecera em 1577; e a coordenação do livreiro Alexandre de Siqueira de 1597 apenas a mistura de alguns sonetos e romances castelhanos. A edição de 1619 publicada por Antonio Alvares, traz as *Trovas de Chrisfal* e a *Segunda parte do Sonho*. Lisardo, apresenta-se como Pastor do Tejo, e trocando os trajos militares pelas suas vestes de zagal; Christovam Falcão residia em Lisboa depois do seu regresso da Capitania de Arguim em 1548; foi depois d'isto, que voltou a escrever no estylo pastoril e revelando-se tambem no gosto do lyrismo italiano. O drama dos seus amores não acabara com o falecimento de D. Maria; a lenda da *Fons Chrisfal* que existia em Lervão, explica-nos uma outra tradição dos amores com D. Margarida da Silva, que ali vivia no Mosteiro. No *Theatrum Lusitaniae Litterarum*, de João Soares de Brito (m. 1664) lê-se: « Que conforme uma tradição, o mesmo Christovam Falcão se apaixonou por uma dama lindissima, D. Margarida da Silva, a tal ponto, que tendo-se esta recolhido no Convento de Lervão, elle foi viver para aquella região, conservande-se alli constantemente até á velhice. » (Ap. J. Freitas.) A este termo imposto pela velhice corresponde aquella parte intitulada *Despedida de Chrisfal*, que não foi reproduzida nas reimpressões avulsas da Egioga. Segundo o Nobiliario de Belchior Leitão de Andrade, o poeta chegara a casar com D. Margarida da Silva; outros Nobiliarios dizem que houvera um filho natural de uma D. Guiomar da Silva. Sejam quaes forem os resultados da critica sobre a *Silvia de Lisardo*, como a coordena em nova edição o livreiro de 1597, torna-se indispensavel para a apreciação completa das *Trovas de Chrisfal* o conhecimento das composições que as continuam, a *Segunda parte do Sonho* e *Despedida de Chrisfal*, que ficam reunidas n'este volume.

SONHO DE LISARDO

QUE É QUASI COMO A SEGUNDA PARTE DE

CHRISFAL

Força-me a lei d'Amor, oh Silvia ingrata,
A dizer, que me mata um pensamento,
Que como em leve vento está fundado,
Traz-me o gosto mudado e pervertido,
E funda em meu sentido mil castellos,
Que, quando chega a vê-los, tudo é nada,
Só acho retratada na memoria
A causa d'esta historia e de meu dano,
Com que vivi ufano um tempo breve,
Mas foi a causa leve, acabou tudo,
Que não ha amor sisudo e venturoso.
Eu viverei queixoso os breves dias
Que estas lembranças frias me durarem;
Como se acabarem farei termo,
Que o coração enfermo, depravado,
Como vive occupado dos humores
De que lhe causa dores, só tem vida
E a força consumida de veneno,
Acaba no sereno quem padece,
E se esta fé merece outro respeito
Julgue-o o vosso peito lá comsigo,
E quando como imigo me julgardes,
Basta-me só ficardes conhecendo
Que claramente entendo e que padeço;
Nem cuideis que vos peço favor novo,
Nem a isso me movo n'esta rima,
Que não nasci em clima de favores;
Só peço que estas dores que causastes,
Vejaes como as pagastes com desgosto;
Inclinae pois o rosto, oh Silvia fera,
Vereis de quem espera um caso raro,
Que vi patente e claro n'esta idade,
E tenho-o por verdade, que não minto,
Mas como aqui o pinto, passou certo,
E de que vi esperto, m'o causaram
Especies que ficaram no sentido,
E assi estando dormido, vi patente
Isto que brevemente irei contando.

Começa o SONHO

Como de vossa esperança
Vivo já desesperado,
D'esta ingratitude cansado
Recolhi minha lembrança,
Pois da vossa estou riscado.
Trabalhei por me encerrar
Dentro em meu sofrimento,
Mas logo no pensamento
Comecei a fabricar
Cem mil castellos de vento.

Parecia-me que via,
(Não sei se é sonho, se certo)
Um valle todo coberto
De flores, onde se via
Da Natureza o concerto.
Competia o arvoredor
Co' campo alegre e cheiroso,
Onde o vento sonoro
Bulindo com sopro quêdo
Causava um tom saudoso.

A musica concertada
Das aves, que tudo atrôa,
Por entre as arvores sôa
E quanto menos ornada,
Tanto o peito mais magôa.
Entre esta verde floresta
Está uma fonte pura
Metida entre a verdura,
D'onde pudera ter festa
Quem tivera mais ventura.

E vi que sobre ella estava
Um Pastor assás airoso,
Que cantou de voz choroso
Em seu rabel entoava
Este mote saudoso:

Lembranças do bem passado,
Para que me renovaes
Lembranças que causam mais?

Gostosas são as lembranças
A um peito namorado,
Quando vive acompanhado
De gostosas esperanças;
Mas quando tristes mudanças
A tem em pontos mortaes,
As lembranças causam mais.

Quando de todo acabou
O firme trato de amor,
É trato de mortal dôr
Lembrar-se do que passou;
Esta alma que o gostou,
Entende que em termos taes
As lembranças causam mais.

Mais desejava cantar,
Segundo n'elle entendi;
Mas vendo que o senti,
Tangeu por dissimular,
E calou o que lhe ouvi.
E vendo que me chegava
Onde elle estava sentado,
Deixou rabel e cajado,
Dando mostras que folgava
De tal tempo ter chegado.

E disse com alegria:
— Lisardo, que cousa é esta?
Pode amor dar-me tal festa,
Que chegasse a vêr o dia
De vêr-te n'esta floresta?
Se por te vêr, ha mil annos
Que espero em grande tormento,
Sem bastar o sofrimento
Para sustentar os danos
D'este meu contentamento. —

E tomando-me de mão,
Para mais me festejar,
No vallê me fez sentar,
Dizendo: — Da-me atenção
Ao que te quero contar:
— Sabe, pastor, que este prado
Coberto de tantas flores,
Tomando o nome das côres
É Val-de-Flores chamado
Entre Nimphas e Pastores.

Foi logar antigamente
Em que o famoso Cupido
Foi d'um Rei obedecido,
Entre a Lusitana gente
Mais amado que temido
E quanto a Dama ingrata
Engeita seu servidor,
Por lhe mitigar a dôr,
Com estas aguas de prata
O encanta logo o Amôr.

E porque n'este trabalho
Fui a muitos semelhante,
Por pagar amor constante,
Buscou Cupido um atalho,
Qual te direi adiante.
Mudou-me assento d'uns valles
Que *vão* nas serras de *Lor*,
Onde encerrou minha dor,
A causa de tantos males,
Quanto soffri por amor.

Eu fui o pastor Chrisfal
(Se alguma hora d'elle ouviste)
Que em rima chorosa e triste
Cantei a força de um mal
Semelhante ao que sentiste.
E por que sei que é sabido
O que passei com Maria
Junto de uma fonte fria,
Quando mudado o vestido,
A encontrei certo dia.

Quero que ao mundo publiques
O mais que depois passei,
E tambem te avisarei
Porque co' aviso fiques
Menos mal do que eu fiquei:
Levantou-me a confiança
Maria de me querer,
Renovou-me este prazer,
Mas foi prazer de esperança,
E esperança de mulher.

Porque crendo alcançaria
Com ella um fim descansado
Emfim, deixou-me frustrado;
Julga tu que fim teria
Quem se viu tão enganado.
Trocou-me o bem que esperava
Em cruel encerramento,
Meteu-se em certo convento;
E a mim que ao vento gritava,
Deixou-me gritar ao vento.

E depois que me chegou
A perder vida e sentido,
Escolheu outro marido,
Que n'ella o premio gosou
De meu amor merecido.
Fiquei perdido entre valles,
Contemplando os horisontes,
Tornados meus olhos fontes
E por mitigar meus males
Com ais abrandava os montes.

Algumas horas saía
Maria pelo arvoredado,
E vendo-me mudo e quedo,
Com tão pouca dor me via
Como se vira um penedo.
Dizia-lhe eu alguma hora,
Quando me esforçava o mal:
« Cruel, conheces Chrisfal? »
Respondia: « Vae-te embora,
Pastor, ou fala-me em al. »

Ceguei a ponto de morte
Com males que me cercaram;
E por mais que lhe contaram
Estava isenta, de sorte
Que nunca mais a abrandaram.
E vendo-me amor chegado
A ponto já de expirar,
Me mandou a este logar,
Que elle tem depositado
Para dores mitigar.

Tirou-me toda memoria
Das serras que atraz deixara;
E aquillo que desejara
Me fez converter na gloria
Da perda com que ficara.
E vendo quão bem guardei
O fogo em que me meteu,
De mim se compadeceu,
E as lagrimas que chorei
N'esta fonte as converteu.

Encantou-me dentro n'ella
Té que o tempo produzisse
Outro pastor, que seguisse
A ordem da minha estrella
E os males, que já te disse.
Agora vejo chegado
Este tempo gracioso,
Por que teu feito amoroso
Tem tanto de namorado
Quam pouco de venturoso.

Sei que te feriu amor
Por Silvia, a quem namoras,
E que te faltam as horas
Para mitigar a dor
Com as lagrimas que choras.
Tambem sei que vive dura
Á vista do teu tormento;
Mas tem n'isto soffrimento
Que é certo faltar ventura
Onde ha mais merecimento.

Rege-te, e se pode ser
Com tento n'esta affeição;
Inda que é trabalho vão
Na força de bem querer
Governar-se per rasão.
Só uma cousa te digo,
E tem-na por cousa certa,
Que onde houve a porta aberta
Para entrar algum amigo,
Quem vem tarde desacerta.

Esta pastora a quem queres,
Quiz bem por algum respeito,
E por mais que mude o peito,
Bem sabes tu, que mulheres
Sempre alli lhe fica o geito.
E sabe, se saber queres,
Que em lhe dando na vontade,
Hade fingir saudade
E dizer: eguaes prazeres
Tive eu na outra amizade.

Deixei quem tanto me quiz
Por querer quem me não quer;
Pastor, se me queres crêr,
Lembre-te o que o mundo diz
O mais pouco da mulher.
Olha que quanto as mais amam
E por ellas esmorecem,
Tanto menos agradecem,
A quem foge d'ellas chamam,
E a quem as segue aborrecem.

Dir-te-ha, que em paga e primor
Te não deve cousa alguma,
Crê-lhe tudo isto em suma,
Porém olha que este amor
Segue as mudanças da lua.
Lisardo, cáe sobre ti
Não abatas teu juizo;
Pondera bem este aviso,
Que quem se rege por si
Vem-lhe de ter pouco siso.

Toma do que viste em mim
N'este caso experiencia,
Governa-te com prudencia,
Olha que te vejo um fim
De males sem paciencia. —
Eu que via as conclusões
Ferir em minha barreira,
Por não dar na derradeira,
Atalhei suas rasões,
Dizendo d'esta maneira:

— A troco de um bem tamanho
Como foi vêr-te, pastor
Estimo tão pouco a dor,
Que os males tenho por ganho
E os trabalhos por favor.
E quando este meu mal
Tiver um fim tão rasteiro,
Não sou inda tão grosseiro,
Que o desestime Chrisfal,
Tendo-te por companheiro.

Mas, dize-me, que farei
Para vital merecimento;
Ou me empresta soffrimento
Ou me torna qual andei
Antes d'este pensamento.
Que dar aviso prudente
E conselho ao que está são,
Quaesquer grosseiros o dão;
Mas que fará o doente
Sujeito a toda a paixão?

Se ao tempo que vivias
Por Maria namorado,
Eras de amor tão letrado,
Como em ti não descobrias
Remedio para o cuidado?
Agora, que te sentiste
Isento de tantas penas,
Os namorados condenas;
Veja-me eu qual tu te viste,
E tu o bem que me ordenas.

Que, se Maria segura
Vive no céu trasladada,
A terra cá não me enfada,
Que Silvia e sua luz pura
Em céu a tem transformada.
Nem vive Silvia em meu peito
Com tão leve fundamento,
Que por escusar tormento
Se diga, que a pena engeito
À falta de soffrimento.

Venham tormentos dobrados
À conta da luz tão bella,
Com todos heide querel-a,
Que assás são galardoados
Em os padecer por ella.
Não curo se a outro quiz,
Ou se lhe quer inda agora;
Se bem lhe quer, queira embora,
Vão todos (como outrem, diz)
E nós não fiquemos fóra.

Amara tam sem interesse,
Que nem que me queira quero:
De todo bem desespero,
Fora d'este que me crece
No pouco que d'ella espero.
Que se amor interesseiro
Me puzera a mim em calma,
Já outrem tivera palma;
Mas não se dão por dinheiro
Thezouros que saem d'alma.

E se pela fé antiga
Suspirar quanto me quer,
Uma cousa podes crêr,
Que nunca de mim se diga
Que faltei no bemquerer.
Olha, Chrisfal, a que chego
E a que me traz meu cuidado,
Que depois de sepultado
Terei por ditoso emprego
Sustentar este cuidado.

E se n'um corpo sem vida
Ha logar para lembrança,
Inda tenho confiança
De levar n'elle esculpida
O fim de minha esperança.
Quero que o mundo cante
Pois soube teu grande mal,
Que sem ter premio egual,
Ha na vida amor bastante
A vencer o de Crisfal.

E se por remedio teu
Te quiz amor encantar
Sem encanto quero amar,
Que assás encanto é o meu,
Pois amei em tal logar.
E se nas serras de *Lor*
Vão sinaes de tuas dores,
Que entre os amadores
Se saiba que minha dor
Teve fim em Val de Flores.

Emfim, que sigo esta via
De te vencer em tristura,
Como Silvia em formosura
Excede tua Maria
E toda mais creatura.
Sem esparanças de gloria,
Quero viver n'estes valles,
Peço, Crisfal, que te cales
E deixes minha memoria
Occupada com meus males. —

Pois queres (me respondeu)
Perseverar em querer,
Escuta o que hasde soffrer,
Porque saibas do mal meu
Os muitos que inda hasde ter:
És, por sentença de Amor,
Condemnado a tal tormento,
Que no mór contentamento,
Te sobresalte uma dor,
Que exceda teu soffrimento.

Ver-te-has, perdido o juizo
Com um revés de tristura,
Quando tua sorte dura
Converter em leve riso
O mór gesto da ventura.
Porque tua Silvia ingrata,
Inda que agora te queira,
Quer-te por leve maneira,
E quanto amor mais te mata,
Menos lhe dôe tal canseira.

Vel-a-has de outro vencida
(Nota bem isto que sigo)
Prosegue em ser seu amigo,
Que emfim perderás a vida
Por não seguir o que digo.
E pois vives contente,
Não queiras que mais te conte,
Quero deixar este monte,
Que n'elle, perpetuamente,
Darás agua a esta fonte.

Disse Amor, que como achasse
Algum tão leal amante,
Que me vencesse em constante,
Esta fonte lhe entregasse
Por sua, no mesmo instante.
Fica-te n'ella, pastor,
Pois vences em ser leal,
E consola-te em teu mal,
Com seres só vencedor
Do firme pastor Chrisfal.

Verás aqui muitas vezes
Tua Silvia n'este prado,
Então chorarás dobrado,
Que a pena de largos mezes
Esperta, vendo o cuidado.
E no verão pela sésta
Se virá aqui assentar,
Bem alheia de cuidar
Que tua vista lhe empresta
Agua para se lavar.

Estarás n'esta prizão
(Se meu juizo não erra.)
'Té se produzir na terra
Outro pastor, que em paixão
Nos exceda n'esta guerra.
Adeus te fica, pastor,
E começa de chorar,
Que esta fonte hade lançar
As aguas, que tua dor
Lhe puder communicar. »

Abraçou-se então commigo
E na fonte me lançou,
Não sei por onde escapou,
Levou-me o gosto comsigo
E só chôro me deixou.
Assi fiquei condenado
À força do pensamento,
E não foi sonho de vento,
Por que depois de acordado
Me vi no mesmo tormento.

Vi-me e vejo-me agora
Choroso porque vos quero,
Se outrem vos quer desespero
E espero só por uma hora
Que me mostre o fim que espero.
Esta visão temerosa
Que á vossa conta passei,
Vos escrevo, porque sei
Que se a causa é poderosa
Sabeis d'ella o que eu não sei.

DESPEDIDA DE SILVIA E LISARDO

Oiça, quem vive contente,
Males de quem já viveu:
E quem os não padeceu,
Lêa no passo presente
Cousas que d'outrem não leu,
Lêa de um pobre pastor
Um querer desenganado;
Veja perdido seu gado,
Note uma prenda de amor
Com que viveu enganado.

Junto a um valle deleitoso
Que entre dois rios se cerra,
Armou amor esta guerra,
Sem notar quam perigoso
Fôsse amores em tal terra.
Aqui vendo a formosura
De Silvia, pastora bella,
Se perdeu, chegando a vêl-a
Um pastor, a quem ventura
Creou só para querel-a.

Pagou-lhe Amor seu tormento
Com se vêr d'ella querido,
Inda que a um peito rendido
É cárcer do pensamento
Sentir-se favorecido.
Houve tal conformidade
Entre esses dois namorados,
Que um no outro transformados,
Morriam de saudade,
Vendo-se um ponto apartados.

Mas como os bens da fortuna
Consistam sempre em balança,
Quiz fazer n'elles mudança,
Dando-lhe ausencia importuna
A trôco da esperança:
Ordenou uma partida
Tão forçada ao pastor,
Que nem a força de amor
Bastou para que impedida
Fosse a causa de tal dor.

Houve-se enfim de partir
Por mais que a alma se partia;
Só despedir-se temia,
E ir-se sem se despedir
Amor não lh'o consentia,
Um dia, quasi sol posto,
Os dois amantes se acharam,
E os olhos que se encontraram
Deram sinaes de desgosto,
Que té então dissimularam.

E quanto mais se chegavam,
Mais suspiros despediam,
Que, se c'os olhos se riam,
Co'a alma consideravam
Quam cedo se não veriam,
Chegados a se fallar,
Nenhum o pode fazer,
E sem nada se dizer,
Praticavam com calar,
Na falta de seu prazer.

Sentados no valle umbroso,
Seus maies solemnisando,
Se olhavam de quando em quando,
E logo, qual mais saudoso,
Cobria os olhos chorando.
Elle vendo que deixava
Taes olhos de si ausentes,
Tinha mortaes accidentes,
E ella vendo que ficava
Chorava os danos presentes.

Ora c'os olhos no chão
Ficavam como esquecidos,
Ora de amor estrangidos,
Pregados no céu em vão
O rompiam com gemidos.
Às vozes de amor forçados
Começavam a fallar,
Mas vendo que era apartar
Os conceitos começados,
Resolviam em chorar.

Lisardo, que a dor forçosa,
O fez tornar sobre si,
Falou dizendo:— Ai, de mi,
Que chega, Silvia formosa,
O mal que sempre temi.
Só te peço, que esta ausencia
Entre nós, seja tratada
Com tal fé que na tornada
Não me dês experiencia
De vêr a tua mudada.

Que se esta que tenho n'alma
É de algum merecimento
Prometto que esquecimento
Lhe não roube nunca a palma
Que tens de meu pensamento.
E vêr-se-hão mais facilmente
Andar os peixes na serra,
E o céu não cobrir a terra,
Que engeitar vivendo ausente,
As leis de tão justa guerra.

O sol poderá perder
A claridade que tem,
O mar secar-se também
Sem que deixe de querer
Quem na vida me sustem.
Fugirá o cordeirinho
Da propria mãe que o cria,
Trocar-se-ha a noite em dia,
E o falcão e passarinho
Viverão em companhia.

Sem que esta resultado tua
Mostre em te querer mudança,
Por mais que a desconfiança,
Durando esta ausencia crua
Desbarate a esperança.
Por esses olhos graciosos
Em que meu retrato vi,
E pelo fino rubi
D'esses beijos tão formosos,
De que taes cousas ouvi:

Te juro, amada pastora,
De não ter extranho amor,
E quando outra cousa fôr,
Eu me julgo desde agora
Por desleal e trêdor.
Se estes olhos que tens
Chamavas com mil favores,
Virem para ter amores,
Percam o nome de meus,
E ceguem como trêdores;

E se o deseja, contrario
For ás palavras que digo,
Não ache graça contigo,
E com pregão de falsario
O julgue o céu por inigo.
Veja-me de ti esquecido
Quando mór bem te quizer;
Que mór mal não póde ser,
Que querer sem ser querido,
Quando é d'alma o bemquerer. —

Tantas lagrimas vertia
Lisardo quando fallava,
E com tanta dor estava,
Que Silvia, que igual sentia,
Brandamente o consolava,
Dizendo: — Tem soffrimento,
Lisardo meu, n'esta ausencia,
Não percas a paciencia,
Pois n'ella meu pensamento
Mostra tal experiencia.

Não chores tanto, pastor,
Deixa-me chorar a mi,
Que pois eu fico sem ti,
Comigo fica o penhór
Do mal a quem me rendi.
Aqui entre este arvoredó
E por este verde prado,
Chorarei o bem passado
Lembrando-me o tempo lêdo
Quando n'elle vi teu gado.

E sobre os cumes dos montes,
Que mais solitarios são,
Quando avivar a paixão
Tornados meus olhos fontes
Chamarei teu nome em vão.
Alli triste e solitaria
Meu Lisardo chamarei;
Mas, ai! onde te acharei?
Que me é fortuna contraria,
Lisardo, porque te amei.

Oxalá nunca me viras.
 Ou vendo me não quizeras,
 Que se de mim não souberas
 Nunca estes males sentiras
 Em que agora desespéras.
 Mas, que digo ? antes a morte
 E ausencia cruel me offenda,
 E a mim propria não entenda,
 Que de tão ditosa sorte
 Algum tempo me arrependa.

Ouve um desengano certo,
 E de mim não queiras mais
 Que, se tens dores mortaes,
 No centro d'alma encubertas,
 T'as pagam outras eguaes.
 E cuida que inda que partas,
 Não irás de mim ausente,
 Nem eu sem ti certamente
 Que quando tu mais te apartas,
 Mais te tenho em mim presente.

Toma, pastor, este annel
 E este cordão de cabellos,
 Que foram louros e bellos
 Porque na ausencia cruel
 Te lembres de mim em vêl-os.
 E porque entendas os laços
 De que sahir não procuro,
 Pela fé em que juro
 Sirvam estes dois abraços
 Com que te partas seguro. —

Em pé se poz logo á hora,
 E elle tambem o intentou ;
 Mas, ventura lh'o atalhou,
 Que entre os braços da pastora
 Esmorecido ficou.
 Ella com dobrada magoa,
 Vendo-lhe o rosto mortal,
 Disse : — Pastor, que me val'
 Ter nos olhos fonte d'agua
 Para mitigar teu mal ? —

E como as lagrimas d'ella
Lhe davam no rosto afflicto,
Cobrou o pastor esp'rito,
Porque sempre trouxe n'ella
De seu traslado escrito.
E tornando sobre si,
Quando em seus braços se viu,
Com um ai que daspediu,
Disse: — Já, Silvia, me vi
Onde minha fê subiu.

Que se o mais de minha vida
Passei com notavel dôr,
Assás me tem pago amor,
Dando-me na despedida
Tão conhecido favor.
Atalha-me o tempo breve
Este bem em que me vejo;
Não n'ó tenhas a despejo,
Mas este abraço recebe
Em prendas de meu desejo.

Fica-te, adeus, alma minha,
Que o sol se vae escondendo,
Meu coração te encomendo,
Porque o logar que o sostinha
O vae já desconhecendo. —
Oh, quem notara aquella hora,
Os dois eguaes no amor,
Elle posto em mortal dor,
Dizendo-lhe: — Adeus, pastora;
E ella: — Adeus, meu pastor.

Partiu-se a serrana bella,
E elle ficou-se onde estava,
E tanto mais caminhava,
Quando da presença d'ella
Mais ausente se notava.
Virava os olhos atraz
Pelo vêr algumas vezes,
Sentindo mortaes revezes;
Que sempre comsigo traz
Amor estes entremezes.

Veiu-se a noite cobrindo
Cada hora mais carregada,
E Silvia dissimulada
Rosto contente fingindo,
Se foi á sua malhada.
Lisardo, vendo-se ausente
De quem mais que a si queria,
Sentado na herva fria,
Como se fôra presente
Mil lástimas lhe dizia.

Mas vendo ser a partida
A seu crédito forçosa,
Reprimindo a voz chorosa,
Se partiu, deixando a vida
Nas mãos da morte espantosa.

ESPARSA

A um favor, que sendo promettião não acabava de chegar

Vejo que tudo tem fim ;
Só eu no mal que padeço
Não acho senão comêço.

VOLTAS

Acaba o contentamento,
Entre os braços do cuidado
Esquece todo o passado,
Porque tem seu nascimento
Em certos fins limitado.

O amor perde seu prêço,
Se as esperanças fenecem,
Os serviços logo esquecem,
E os males têm seu comêço,
Quando os bens desaparecem
Assi que os danos falecem!
Mas eu, nos que em mim conheço,
Não acho senão comêço.

Os que costumm querer,
Querem só pelo desejo;
Mas eu sem prêmio pelejo
Entre amar e padecer,
No mal que sinto e não vejo.
Vejo que quanto mereço
O perco por bem servido,
Sirvo sem ser admittido,
Menos lembro se appareço,
Mais ganho sendo esquecido.
É tão duro meu partido,
Que n'este mal que padeço
Não acho senão comêço.

Qual o que em duro tormento,
Dizem, que de agua cercado
Lhe é o tocal-a vedado,
Porque dobre o sentimento
Na vista do desejado;
Tal eu, que a vista mereço,
Do fim de minha lembrança,
Em vêr perco a confiança,
Pois só em vêl-a conheço
Que meu mal não tem mudança:
Tenha quem quizer bonança,
Que eu, n'este mal que padeço
Sempre desejo o comêço.

IMITAÇÃO, POR FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Mandaes-me que vos não veja;
 Dos olhos que hei de fazer,
 Pois lhe não fica que vêr?

Tal a vista me ficou,
 Quando vi vossa figura,
 Que para o mais me cegou,
 Como quem ao sol olhou
 E entrou em casa escura.
 Vi quanto a vida deseja,
 Fiz d'ella alegre emprego
 Apesar da mesma inveja;
 Vós, por que eu me vejo cego,
Mandaes-me que vos não veja.

Um remedio me convinha,
 Contra a sem razão que usaes,
 Que era vêr-vos na alma minha,
 Mas essa alma onde vos tinha
 Nem de vista m'a deixaes.
 Da alma e do seu poder,
 Dos sentidos e á vida
 Ordenou vosso querer,
 E pois só não sois servida
Dos olhos, que hei de fazer?

Pois tudo o melhor levaste,
 E deixaes-me os olhos sós,
 Tão cegos como os deixastes,
 Pois leval-os lhe negastes,
 Deixae-os ir traz de vós.
 Pois me souberam ganhar
 Quando me soube perder
 Com o gosto de vos olhar,
 Não lhe deixeis que chorar,
Pois não lhe fica que ver.

BIBLIOGRAPHIA DAS OBRAS DE CHRISTOVAM
FALCÃO

1542-1546?

Trovas de Chrisfal. Sub titulo: *Trovas de um Pastor per nome Crisfal*. Folheto in-4.º a 2 columnas, em typo semigótico, de 8 folhas não numeradas, sem data nem lugar.

Pode-se fixar aproximadamente a data da publicação, por que pela estrophe 91 — Muitos pastores buscaram — manifesta que Maria Brandão ainda não estava casada, e pelas citações diversas das *Trovas de Chrisfal*, que intercalou Camões na sua Carta de Africa de 1547. A vinheta figurando o *Pastor* é a mesma empregada nas *Trovas de dois Pastores*, de Bernardim Ribeiro, de 1536, o que nos revela desde quando conheceu Christovam Falcão o modelo que imitou. Todas as citações das *Trovas de Chrisfal*, por Diogo do Couto e outros, referem-se a esta edição sem data, *mui nomeadas*. É o archetypo das edições de *Chrisfal* sómente agora reproduzido; tudo leva a crêr que se imprimira na ausencia do poeta, enquanto esteve em Italia, e sem seu conhecimento. O verso final da estrophe 42: *Manga larga no bocal*, é evidentemente uma leitura de quem não soube entender a graphia *A Menga la del boscal*, que o auctor restabeleceu na edição de Ferrara de 1554. Epiphany, na sua edição de 1893, resalvando estranhezas de syntaxe, diz: «a lição que teriamos por mais provavel seria *a qual eu afigurei* — *Manga larga no bocal*, estando *a qual* com valor de particula comparativa.» (p. 47.) Mas reconheceria improfiquos os seus considerando grammatologicos, se conhecesse a Canção castelhana centonisada no *Chrisfal*, desde 1890 publicada no *Cancionero musical de los Siglos XV y XVI*, por Barbieri:

Menga, la del Bustar,
que yo nunca vi serrana
de tan bonito bailar.
Yo me iba la mi madre
a Santa Murica del Pino:
vi andar una serrana

bien acerca del camino.
 Saya trala pretada
 de un verde florentino.
 Bien allá la viera andar
 gurriando su ganado
 y diciendo este cantar . . .

(*Op. cit.*, p. 191 e 540.)

A falta da *Carta, Cantigas, Voltas e Esparsas*, que appareceram no segundo archetypo de 1554, é uma prova flagrante, de que o poeta transpoz muitas estrophes e aperfeioou muitos versos.

1554

Egloga de Christovam Falcão chamada Chrisfal. Acompanha a *Hystoria de Menina e Moça*, por Bernardim Ribeiro. A *Carta e Cantigas, Voltas e Esparsas*. Ferrara. 1554.

Brunet, no *Manual do Livreiro*, descreve esta edição; e reiferindo-se ás composições lyricas, diz: «o resto do volume é preenchido por poesias do mesmo Falcão.» Epiphanio considerava-as como pertencentes a um mero Cancioneiro do genero amatorio.

É já sabido que esta edição de Ferrara, emprehendida depois que Christovam Falcão esteve em Italia, existe actualmente na Bibliotheca do Museu Britanico. Apesar da auctoridade de Brunet chegou-se a duvidar da sua existencia. Este segundo archetypo foi deturpado na contrafacção de Colonia de 1559, que já não pode ser considerado texto fundamental.

1559

Egloga de Christovam Falcão chamada Chrisfal. (Inclusa na edição da *Historia de Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro . . .) Colonia, por Arnold Birckimann. 1559. (De fl. CXXXII a CL. — *Carta estando prezo*, fl. CLI; *Cantigas, Voltas e Esparsas*, fl. CLIII a CLXXXII.)

É uma edição descurada do texto de 1554; faltam-lhe uma estrophe da edição sem data, est. 91, a 88 e a 102. Epiphanio desconhecendo a edição de 1554, considerou esta de Colonia, derivada de copia negligente com imperfeições do compositor typographico.

1571

Trovas de Chrisfal . . . Lisboa. 1571. Existiu na Livraria do bibliophilo Pereira da Costa, sendo vendida em leilão depois de sua morte. Dá noticia do opusculo Innocencio no *Diccionario Bibliographico*. Fundamentamos a sua existencia, por que faltando na edição de Colonia as estrophes 88 e 102, e apparecendo na edição de 1619, e ainda na de 1721, ellas provieram de um texto do seculo XVI agora desconhecido. Em 1571 vivia em Lisboa Christovam Falcão; poderia ter retocado a edição *sem data*, eliminando a estancia 91, pois que Maria Brandão já estava casada e poucos annos depois falecida. D'aqui por certo os fragmentos que a isso alludem, incorporados no texto de 1597.

1597

Na *Silvia de Lisardo: Sonho de Lisardo*, que é como *Segunda parte do Sonho de Chrisfal*. Este texto entrou em varias edições avulsas do *Chrisfal* no seculo XVI e XVII. Na Bibliotheca nacional, sob o n.º 3207 existe, com a data de 1597:

Primeira e segunda parte de Chrisfal. Agora novamente impresso, postas em ordem por Alexandre de Sequeira, impressor de Livros. Em Lisboa. 1597.

1619

Primeira e segunda parte de Chrisfal. Lisboa, 1619. Por Antonio Alvares, in-4.º de 24 pag. Além da Egloga, a *Segunda parte das Trovas do Sonho de Chrisfal*, a *Carta*, e com o titulo de *Cantiga* os quatro primeiros versos—Vi o cabo no comêço, etc. (Na Bibliotheca nacional.)

1632

Idem. (Existe na Bibliotheca nacional n.º 3287.)

1639

Idem. Citada no *Enthusiasmus poeticus* do P.º Antonio dos Reis, p. 140, annotado o verso: In Monte aedile—Occupat excelsum Falco.

1668

Idem. (Existe um exemplar na Bibliotheca nacional, com o n.º 3288.)

1721

Primeira e segunda parte de Chrisfal. Lisboa. Officina de Bernardo da Costa Carvalho, Impressor do Serenissimo Infante. Na estrophe 42 traz o verso *Manga larga no bocal*, da edição sem data, que na edição de Ferrara e de Colonia se emendou: *A Mangua la del boscal*. Isto bem caracteriza o texto de 1571. (Existem exemplares na Bibliotheca municipal do Porto e na do Archivo nacional.) Faltam n'esta edição as estrophes:

- Alli os dias passava
- Comtudo olhos de quem
- Todos os contentamentos
- Não devo eu mal querer
- Vendo-me em logar tal.

Traz duas estrophes, que faltam no texto da de Colonia:

- Mas que fosse assim e mais
- Por me isto alembrar.

Pelo final vê-se que reproduzia a edição de 1619, fortalecendo as considerações sobre o seu texto.

1871

Obras de Christovam Falcão, contendo a *Egloga de Chrisfal*, a *Carta*, *Cantigas*, *Esparsas e Sextinos*, com um *Estudo sobre a sua Vida, Poesias e Epoca*, por Theophilo Braga. Edição critica reproduzida da Edição de Colonia de 1559, com a *Segunda Parte* apocrypho de 1721. In-4.º grande, de 40 pag. a 2 columnas.

Sobre esta edição, cotejada com a de Colonia, fez Epiphanyo uma repousada *revisão typographica*, achando-se em Londres em 1890, nas suas aprasiveis visitas ao Museu Britanico. Os resultados da sua aproveitavel revisão typographica

consignou-os na pag. 16 da sua edição de *Chrisfal* de 1893; e por desconhecer as condições angustiosas em que se fez a copia do texto de Colonia, emprega por vezes a palmatoria.

O dr. Rodrigues de Gusmão, em carta de 22 de Setembro de 1871, saudava o nosso esforço de restituição d'esse vulto poetico: «Assevero, com a verdade que é propria do meu character isento e independente, sem a minima sombra de emphase ou lisonja, que admirei a sagacidade e critica esclarecida, com que aproximando as especies dispersas e interpretando varias passagens das poesias, reconstruiu a formosa estatura do cavalleiro poeta, dando-lhe vida e fazendo-o caminhar perante nossos olhos, trabalhado por essa doce melancholia que lhe inspirou os mimosos versos, que constituem a substancia da sua Egloga celebre.

«Para mim foi uma maravilha esta rara creação.

«Emquanto li o estudo era dominado de um sentimento indefinivel de admiração pelos preclaros dotes de V. Ex.^a, que soube tirar luz d'onde os outros sómente acharam trêvas ou chimeras.» Houve quem visse mais do que erros de caixotim no resurgimento do poeta depois de cento e cincoenta annos de esquecimento.

1893

Obras de Christovam Falcão. Edição critica, annotada por Augusto Epiphanyo Dias da Silva. Porto. Magalhães & Moniz — Editores. 1893. In-4.^o de 109 pag. e uma de Erratas.

Consta de uma Introducção de 20 pag. com os já conhecidos dados biographicos reproduzidos da *Pedatura Lusitana* de Alão de Moraes, totalmente errados nas suas homonymias, e apreciação geral de algumas edições da Egloga. O texto literario vae de pag. 21 a 81, em que as 110 estrophes se espalham fragmentando-se ao grado de variantes e annotações grammatologicas que prejudicam o encanto da leitura da Egloga. O resto do opusculo, da pag. 103 a 109 contém um Exame sobre Metrificacção portugueza, orthographia antiga, e exemplificações de erros typographicos das reproducções dos auctores classicos. Estas paginas seriam melhor occupadas com as Cantigas, Voltas e Esparsas, para justificar o titulo de *Obras* de Christovam Falcão, sendo apenas um fragmento d'ellas. Na *Carta*, estando prezo, cortou a rubrica preciosa pelo seu valor historico-biographico! Pode applicar-se a phrase do humanista Vives: *Quanto eris melior grammaticus tanto pejor dialecticus.*

1908

Trovas de Chrisfal. Edição Revista por Delfim Guimarães. Livraria Editora Guimarães & C.^a. Lisboa. 1908. In-8.^o de 152 pag. (O editor lembrou-se de attribuir esta composição a Bernardim Ribeiro, explicando em nota á pag. 9: «*Chrisfal*, anagrama deduzido por Bernardim Ribeiro das primeiras syllabas das palavras *Crisma e Falso*).

«A má interpretação d'este anagrama é que originou a lenda de um Christovam Falcão trovador, que só existiu na phantasia do vulgo, como será demonstrado no livro que temos no prélo: *Bernadim Ribeiro* (O poeta *Chrisfal*.): » O vulgo que originou a lenda sejam Diogo do Couto, Gaspar Fructuoso, Faria e Sousa, Barbosa Machado, P.^e Antonio dos Reis, P.^e Antonio Cordeiro, além de apreciados linhagistas. O editor suprimiu a rubrica biographica que encima a *Carta* (estando prezo (p. 45) o que denota má fé na sustentação do seu ponto de vista. Em toda a exhibição d'esta desarrasoada fusão de Christovam Falcão com Bernardim Ribeiro, o que causa mais reparo é o não terem certas individualidades conhecedoras da historia litteraria e de critica meticulosa, não evitarem com o bom conselho que se praticasse uma tal profação.

N'este mesmo anno de 1908 foi reimpressa a *Egloga Chrisfal*, em Coimbra, transcripta da edição de Epiphanio pelo Dr. Mendes dos Remedios, na sua *Historia da Litteratura portugueza*, p. 213 a 222, a duas columnas. Tratou Christovam Falcão com a mesma irreverencia de Epiphanio e Delfim Guimarães, amputando-lhe dezeseis estrophes, da 7.^a estancia á 24.^a. No mesmo espirito está a noticia biographica de p. 138, repetindo factos lendarios hoje esclarecidos por documentos historicos.

1915

Obras de Christovam Falcão: Trovas de Chrisfal — Carta (estando prezo) Cantigas, Voltas e Esparsas, com um Estudo sobre a sua Vida, Poesias e Epoca, por Theophilo Braga. Porto. 1915. Edição da Renascença Portuguesa. In-8.^o peq. de LXIV—192 pag.

23/12/20

INDICE

OBRAS DE CHRISTOVAM FALCÃO

ESTUDO SOBRE A SUA VIDA, POESIAS E EPOCA 5 a . . .	64
<i>Trovas de um Pastor per nome Chrisfal</i>	65
<i>Carta, estando prezo, que mandou a uma Senhora</i> .	101
<i>Cantigas, Voltas e Esparsas</i>	105
Vi o cabo no comêço	105
Nunca sinto um mal vir só	106
Deixae-me cuidados vãos	106
Que forte fortuna siguo	107
Senhora, pois por vos vêr.	108
Quem me vos levou, senhora	108
Esta só razão me ajuda	109
Não posso dormir as noites	110
Senhora, pois não deixaes	111
Partido fiz com meus olhos	112
Ventura sempre no mal	114
Nada quero, tudo engeito.	115
Casada sem piedade	115
Solteira fôreis, senhora.	117
Quero tanto a meu cuidado	119
Em desconto do meu mal.	120
Espalhei a fantasia	121
Pois tudo tam pouco dura.	121
Pelos prazeres passados	123
Se m'as daes pera contar	124
Enganosas esperanças	125
Quem vos visse e não cegasse	126
Mal empregada, senhora	126

Não passeis vós, cavalleiro	127
Não vive quem vos não viu	128
Olhos que vão e não vem.	129
Acabae, acabae já.	130
Como ahi houve bons olhos	130
Não sabe quão bem parece	131
A verdade me matou	131
Perdi a vista no mar	132
Não me sei desesperar	133
Menina, pois sois fermosa.	133
Cuidados, se descuidaes	134
A cabo de tantos annos	135
Todo o bem dura um momento	136
Tudo seu tempo ha de ter.	137
D'onde hei meu mal de pôr	137
Cuidados, assi vos quero	138
Mandaes que deixe cuidados	139

RASÃO DO TEXTO PRESENTE

<i>I—Trovae de Chrisfal</i>	141
<i>II—A Carta (estando prezo).</i>	145
<i>III—Cantigas, Voltas e Esparsas</i>	150
<i>IV—A Lenda da Fons Chrisfalis</i>	155

SILVIA DE LISARDO

<i>Que é quasi como a Segunda parte do SONHO DE</i> <i>CHRISFAL</i>	157
Despedida de Silvia e Lisardo.	170
Esparsa a um favor	177
Imitação da Cantiga x por Francisco Rodrigues Lobo	178
BIBLIOGRAPHIA das Obras de Christovam Falcão	181

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA « RENASCENÇA PORTUGUESA »
R. MARTIRES DA LIBERDADE, 178, PORTO,
AOS 8 DE DEZEMBRO DE 1915.

BIBLIOTECA LUSITANA

SOB A DIRECÇÃO

DE

JAIME CORTESÃO e ALFREDO
COELHO DE MAGALHÃES

E

COM A COLABORAÇÃO

DE

Teofilo Braga

D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos

Ricardo Jorge

Leite de Vasconcelos

José Pereira de Sampaio (Bruno)

Joaquim de Vasconcelos

Teixeira de Pascoaes

António Sérgio

Afonso Lopes Vieira

Virgilio Correia

José Teixeira Rego

Francisco Torrinha

etc., etc.